

matéria

vivências artísticas e pedagógicas

ia2i

programa
emergencial
de residência
artística

sumário

3	não ao não lugar	por maria isabel do amaral gurgel
5	microdeslocamentos	por tainá azeredo
7	seis cartografias para fazer arte e escola	por tainá azeredo e valquíria prates
	artistas	
13	bárbara mol	
24	belize de melo neves	
38	douglas aparecido	
50	efe godoy	
60	lucas soares	
71	massuelen cristina	
81	escolas podem ser centros culturais: as aulas de artes como programação de arte e cultura	por valquíria prates
85	todxs nós	

não ao não lugar

por maria isabel do amaral gurgel
idealizadora e diretora do ia

Ouro Preto e Mariana. Essa voz, abafada pelo peso de uma história cristalizada, clama por sua existência no agora. Ressoa dentro de cada um de nós e resgata o desejo de atualizar um passado histórico. A cidade, que leva as marcas do colonialismo em suas minas, patrimônios e ruas, pede por uma corrente sanguínea nova, para erguer seu olhar para além do centro histórico, despertar seu entorno, abrindo espaço para que esse "outro" possa existir.

O ia, instituto de arte contemporânea de Ouro Preto, surge nesse contexto, com o objetivo de promover uma vivência multidimensional que nos permita descobrir a potência na diversidade. Os projetos que o ia vem trabalhando buscam desenvolver uma economia solidária, uma política de construção de uma democracia verdadeira, uma revitalização do pensamento crítico, e um diálogo entre o local e o global. A arte é um vetor essencial para operar essas mudanças de paradigmas, fomentar a práxis crítica, desdobrar as noções de verdade, tornar-se confortável na multiplicidade do real, e construir uma sociedade de fato contemporânea. Arte e cultura impulsionam uma ação sócio-histórica, colaborativa, como uma contribuição para a humanidade.

Esse caderno que chega agora até você é resultado dos processos artísticos-pedagógicos elaborados pela educadora, pesquisadora e curadora Valquíria Prates, em colaboração com a curadora

Tainá Azeredo. Foi pensado por nós como uma ferramenta que acompanha tanto o *Programa Emergencial de Residência Artística - iai*, como o curso *Arte Contemporânea na Escola - desafios e possibilidades*. No decorrer da residência, o convívio e a troca de vivências nesse ambiente virtual, fez extrapolar os limites do distanciamento físico. A sinergia do grupo abriu perspectivas para a criação de um material coletivo que vai além de um caderno com fins didáticos. Esta ferramenta é uma agradável surpresa pautada pelos quatro pilares do ia: decolonizar, desconstruir, trocar e ressignificar.

Os seis artistas escolhidos pelo *Programa Emergencial de Residência Artística - iai* assumem um novo papel de educadores nesta publicação de arte contemporânea, que pode ser acessada pelo público em geral também como um catálogo. Nesse período intenso de um mês e meio foi possível criar um ambiente frutífero em que a experimentação os levou a produzir não só a "obra-processo" de cada um nos seus ateliês digitais, mas uma rede de possíveis pensamentos em arte e educação. De artistas para educadores, do ateliê para a sala de aula, da sala de aula para um ambiente em que qualquer pessoa pode ver, escutar e interagir.

Antes de falar de cada artista, é importante ressaltar que, nas condições que estamos vivendo de medo, angústia e muita incerteza, o trabalho de acompanhamento expandiu o território do estritamente necessário, localizado nos ateliês instalados nos municípios de Juiz de Fora, Sabará, Belo Horizonte, Prado, na Bahia, e Ouro Preto, bem como na Bahia, para o ambiente de escuta, que é indispensável nesse momento.

escutar

verbo

1.

transitivo direto

estar consciente do que está ouvindo.

"conversando na praia, ouvia o mar, mas não o escutava"

2.

transitivo direto

ficar atento para ouvir; dar atenção a.

"escutava com paciência aquelas queixas"

É visível que este acompanhamento resultou do crescimento individual de cada artista. Massu fez duo com Lucas Soares num dos diálogos mais bonitos sobre "Memória-Deságue" que poderíamos encontrar. Lucas também surpreende com um processo relacionado

ao monumento dedicado ao escravocrata Bernardo Mascarenhas, o qual enfatiza três lugares: a queda, a fragmentação e o mel. Efe Godoy chega nos entremeios dos azulejos barrocos portugueses em sua viagem à Bahia, na casa da madrinha, na releitura dos cacos, que ecoavam nos rejeitos de uma construção. Belize dispara em suas vestes, macias armaduras de mulher guerreira que, na realidade, quer abraço, balanço e conforto. Bárbara Mol segue nos caminhos tortuosos entre palavras e signos nas ladeiras de Ouro Preto e barreiras de minério. Estende o braço ao quase filósofo Douglas Aparecido, que entra nas camadas do barroco afro-futurista e repensa a semana de 22. Poças de ouro negro são inseridas nas suas pinturas, e vemos outra profundidade.

Nesse escambo que transpassa entre mim, ação educativa, curadoria, artistas e equipe do ia, os dias foram transcorrendo com leveza. A troca é elemento saudável, a refeição principal nessa ressignificação de isolamento.

O que eu tenho que fazer agora é agradecer a todos por esse intervalo em nossas vidas tão significativa de estréia do ia como um aparelho horizontal e aberto de possibilidades da arte contemporânea.

Obrigada!

acesse o site [aqui](#)

microdeslocamentos

por tainá azeredo

Para muitas/os artistas, seus trabalhos e ideias acontecem em movimento, quando estão indo de um ponto a outro, quando estão em trânsito ou experimentando e movendo-se por novos territórios. Não se trata de encontrar um momento específico desse trajeto onde a obra acontece, e sim de um estado de existência, um estado sensível de permanente atenção para o que está ao redor.

Mas como criar essa condição de movimento em um cenário de pandemia, sem sairmos de nossas casas, de nossos ateliês? E como trabalhar em coletivo, a partir da distância, na construção de um território comum?

Os programas de residência artística sempre facilitaram essas situações de movimento, de encontro e compartilhamento através de intercâmbios, de imersões e reuniões entre pontos diversos do mapa. Independente da distância que se percorre, cada artista em residência se dispõe a exercitar o deslocamento de seu espaço de vida e trabalho por um tempo determinado. Estar em residência podia levar a supor muitas coisas, como por exemplo a realização de uma viagem a uma outra cidade ou país, a adaptação a um território estranho, o contato com seus habitantes, a aprendizagem de outras formas de vida e outras culturas e, muitas vezes, o trabalho com o contexto local. Entretanto, não existe um formato único e replicável de residência, uma vez que o programa deve responder ao seu contexto, às demandas de uma região, de uma situação específica social, cultural ou política. Independente do formato, estar em residência é diferente de participar de uma bienal, de um festival ou de uma exposição. Esse tempo incondicionado para desenvolver as práticas artísticas e verticalizar as pesquisas é uma oportunidade

de fortalecer relações, de formar comunidades e de estabelecer uma situação de troca entre participantes, entre a prática individual e a experiência coletiva.

Durante o último ano, a crise provocada pelo coronavírus nos atingiu em dimensões incalculáveis: sanitárias, políticas, sociais, econômicas, ambientais e culturais. Diante dessa situação, o ia, assim como tantas outras instituições e organizações culturais, viu a necessidade de continuar fornecendo uma formação cultural e artística dentro e fora do território em que se insere. Em resposta aos desafios decorrentes do COVID-19 e de seus efeitos no setor cultural e educacional, o ia criou o *Programa Emergencial de Residência Artística – iai*, por meio do Instituto de Arte Interativo, seu braço digital. O programa de residência do ia explorou novas formas de habitar os espaços de reunião e troca, incentivando a criação dentro da inevitabilidade atual de observar e interagir a partir de um distanciamento social.

Selecionadas/os por meio de uma convocatória pública, um grupo de seis artistas conviveu virtualmente, tomando parte em várias modalidades de encontro entre os meses de fevereiro e abril de 2021. Três artistas que vivem em Ouro Preto e três em outras cidades de Minas Gerais (Sabará, Belo Horizonte e Juiz de Fora). Todas/os participaram ora de encontros com todo o grupo, ora de diálogos individuais com a curadoria do programa, ora em conversas em duplas ou trios, em encontros fechados ou encontros abertos ao público. Foram muitas horas dedicadas a esse compartilhamento de saberes e práticas e ao acompanhamento dos processos de criação. Nessa combinação tão particular de tempo e espaço, construímos, ao longo das semanas de residência, um território próprio, conjunto da multiplicidade de territórios que cada um/a habitava no momento. Se nosso lugar de encontro foi uma tela dividida em partes iguais, nossa

verdadeira viagem aconteceu quando nos projetamos para dentro de cada casa, de cada ateliê, de cada ambiente particular.

Durante o trajeto, aprendemos a nos movimentar no imaginar da materialidade dos nossos corpos, das histórias narradas, das ferramentas que trouxemos para compartilhar. Percorremos as práticas através de memórias, arquivos e ficções, de horizontes, curvas e ruínas. As pesquisas, que tiveram seus pontos de partida de lugares muito diversos, foram se transformando em um sistema rizomático, conectando, entrelaçando e encontrando um vocabulário comum.

Entre tantas palavras que atravessaram nossos dias e conversas, tropeçamos com uma pedra em cada uma de nossas falas. A pedra foi nosso território comum.

As pedras do rio que constroem a casa e as memórias familiares de Massuelen Cristina.

O caco de um monumento partido recolhido e trabalhado pelas mãos de Lucas Soares.

Os azulejos encontrados metamorfoseados em pequenas criaturas por Efe Godoy.

Os minérios transformados em pigmentos nas pinturas de Douglas Aparecido.

Os pedaços de ruínas urbanas que pesam nas vestes de Belize de Melo Neves.

O empedrado das ruas tortas que passeiam Bárbara Mol pela cidade.

Depois de terminada essa etapa do programa, e com o desejo de levar nossos processos para dentro das escolas e entregar nossas pedras nas mãos de docentes e educadoras.es, criamos esse material que chega agora até você. Acreditamos que estar em residência é também um processo de formação artística, e não há melhor maneira de terminar esse programa que abrindo as portas para dialogar com processos pedagógicos.

Obrigada por nos acompanhar nessa jornada.

seis cartografias para fazer arte e escola

modos de usar

O *Programa Emergencial de Residência Artística* *iai* teve origem no compromisso do *ia* Ouro Preto com a formação em artes. Na busca por conviver com artistas de diferentes localidades de Minas Gerais e investir em suas práticas artísticas e formação complementar diante de um cenário de restrições de circulação e recursos culturais na área de cultura, o programa teve como proposta a realização de encontros de trabalho e criação em artes.

Após um cuidadoso processo de seleção, incluindo a leitura de cartas de intenções e da partilha de um conjunto de obras organizadas em um portfólio, convidamos 6 (seis) artistas do estado de Minas Gerais para atravessarem um processo de convívio e pesquisa em artes visuais durante 6 (seis) semanas.

Neste contexto, totalmente virtual, Bárbara Mol, Belize de Melo Neves, Douglas Aparecido, Efe Godoy, Lucas Soares e Massuelen Cristina conversaram muito, fizeram arte, criaram uma mostra digital com suas produções e elaboraram as propostas que integram este livro, para que você se lembre do potencial que sua escola tem para ser um centro cultural e as suas aulas de artes se tornarem ateliê-laboratório de vivências artísticas.

Assim, a publicação *Matéria – vivências artísticas e pedagógicas* é um convite para que você incentive suas turmas a explorarem as matérias presentes nos gestos e atos artísticos como proposições, materialidades, poéticas, processos, obras, pesquisas, narrativas de si e de outros, memórias, saberes, referências, perguntas, imagens.

Estes elementos foram cartografados por todas/os nós que participamos do programa e posteriormente reunidos e organizados nesta publicação, que pode ser um ponto de partida para a realização de desdobramentos deste projeto em escolas de Minas Gerais – ou de qualquer outro lugar onde exista o desejo de fazer arte.

Entendemos que, neste sentido, qualquer tipo de ação depende muito de você e de seu compromisso com as artes. Seu empenho talvez resulte em aulas de artes para pessoas da educação infantil, ensino fundamental I e II, ensino médio, educação de jovens e adultos, ensino universitário ou atividades socioeducativas de ONGs ou instituições culturais.

É possível que você percorra as próximas páginas como quem busca por pistas para alimentar os processos que já está desenvolvendo com suas turmas, ou que busque por inspiração nas práticas deste grupo de artistas. Acreditamos que tudo o que faz parte desta publicação pode ser útil e movimentar suas aulas, desde que você tente localizar previamente alguns possíveis pontos de conexão com suas práticas e contextos de atuação. Nos preparamos para reunir e articular um conjunto de possibilidades, oportunidades e conteúdos que podem ser explorados em processos de aprendizagem em artes nas escolas brasileiras, num diálogo possível e criativo com a Base Nacional Curricular Comum (BNCC).

Você vai perceber que trabalhamos com a criação de diagramas de palavras-chave no decorrer de todo este material. Como Virgínia Kastrup, Ricardo Basbaum e muitas/os outras/os professoras/es engajadas/os com a formação no campo das artes, acreditamos que todo e qualquer processo de encontro nas artes e na educação costuma nos fornecer pistas e vestígios que podem ser cartografados em forma de mapas, diagramas ou desenhos.

Para pensarmos sobre este amplo conjunto de acontecimentos e relações que constituem as aulas de artes, queremos te convidar a ler dois trechos de textos sobre a potência das cartografias como ferramenta de registro e organização de ideias que não queremos deixar despercebidas ou invisibilizadas em suas possíveis sutilezas.

Os diagramas são uma vontade de desenho, de fato, vontade de desenhar. São desenho e são também uma espécie de mapeamento, a cartografia de um processo, que não necessariamente já ocorreu, mas um processo que está ali em vias de ocorrer.

É um modo de pensar, de fato, o funcionamento dos trabalhos em uma dinâmica de circuito, em uma dinâmica de suas mediações – de pensar a relação do eu com o outro, e seus mapeamentos. Uma maneira de ancorar certos processos de trabalho em locais específicos – frequentemente, alguns diagramas trazem referências arquitetônicas dos locais em que os projetos estão acontecendo.

E também de afinar uma certa metodologia, uma terminologia – porque os diagramas têm palavras e linhas, há sempre um cuidado com o vocabulário que vai sendo construído.

São também poemas visuais, não é? Como eles têm essa linguagem gráfica que vai se desdobrando, você pode também pensar que eles conversam uns com os outros – um diagrama sendo acoplado a outro diagrama, em certa medida, como se todos fossem parte de um outro diagrama mais amplo, como se todos eles pudessem se acoplar.

Ou eu poderia ainda desenhar diagramas intermediários para que fossem acoplados nos já existentes, enfim, os diagramas são também uma maneira de pensar o trabalho, de pensar minha prática, a cada vez.

E ainda, claro, são superfícies gráficas, e nesse aspecto podem acontecer de muitos modos: em um pequeno folheto a ser distribuído, impressos em um cartaz, em uma página de revista ou em um livro, ou podem estar ali em escala arquitetônica, nas paredes, com aplicação de vinil adesivo, como tenho utilizado.

São superfícies gráficas, podem estar em diferentes suportes, em diferentes meios de reprodução.

Ricardo Basbaum em [entrevista](#) a Marina Fraga na Revista Carbono, em 2013.

Abordamos o tema do comum anteriormente, quando afirmamos, por exemplo, a cartografia é um método de pesquisa-intervenção; que a atenção do cartógrafo deve estar aberta ao plano de forças; deve acompanhar processos e operar sobre um coletivo de forças situado no plano ontológico. Também tocamos no problema do comum quando defendemos a ideia de que conhecer a experiência em sua dimensão criadora implica a dissolução dos pontos de vista na direção da experiência pré-refletida e quando mostramos que o método da cartografia requer a habitação de um território. Ao retomar aqui o tema do acesso ao comum quando investigamos territórios, subjetividades e paisagens existenciais, às vezes distantes e estranhas em relação àquelas habitadas pelo pesquisador, adotamos a transversalidade como diretriz metodológica e a participação, a inclusão e a tradução como modos como ela comparece na pesquisa.

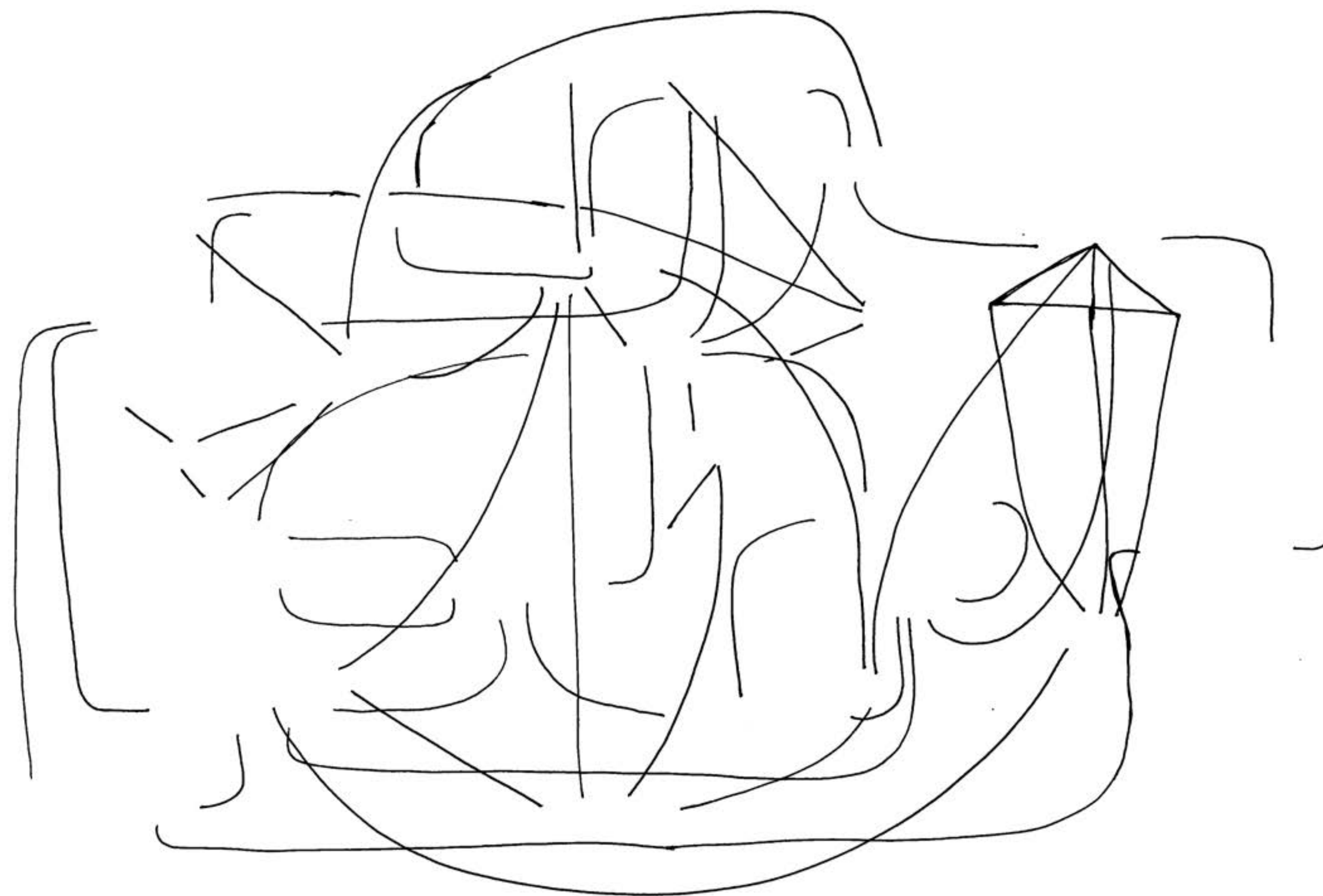
(...)

O grupo implicado na pesquisa é mais do que um conjunto de pessoas e coisas reunidas, pois comporta uma dimensão fora-grupo ou dimensão da processualidade do coletivo.

Virginia Kastrup e Eduardo Passos em Cartografar é traçar um espaço comum, [artigo](#) de 2013.

Em sintonia com muitas das ideias levantadas nos textos citados, disponibilizamos nesta publicação um conjunto de diagramas que podem ser continuados ou recriados por você, a partir de seus interesses e percepções. Eles foram criados tendo como base o que percebemos na poética de cada artista, um conjunto de elementos que nos ajudaram a construir sentidos a partir do contato com seus modos de fazer arte e suas obras propriamente ditas. Por isso, nos diagramas que fizemos, nossas palavras conectam e articulam os aspectos que se destacaram em seus trabalhos e depoimentos.

Acreditamos que cada pessoa pode desenvolver modos próprios de cartografar. Sinta-se livre para explorar ideias, conceitos, temas, assuntos, processos e tudo o mais que for interessante ou chamar sua atenção no contato nas próximas páginas. Sugerimos que você experimente criar seus próprios desenhos, esquemas ou mapas durante os processos de elaboração de aulas, encontros, oficinas, vivências e outras experiências em artes. Você pode incluir palavras que façam sentido em seu contexto de trabalho e quem sabe até mesmo envolver suas turmas nos processos de criação de outras cartografias possíveis neste microuniverso que ocupa a matéria desta publicação.



Além dos diagramas, incluímos nesta publicação um conjunto de recursos que podem ser bastante úteis para que você possa programar suas aulas como quem programa um centro cultural.

Estas ferramentas foram elaboradas a partir do desejo de incentivar a criação de contextos favoráveis ao desenvolvimento das habilidades indicadas pela Base Nacional Comum Curricular como desejáveis e buscam o fortalecimento da autonomia de estudantes de diferentes faixas etárias em seus processos formativos numa abordagem crítica:

PERGUNTAS DISPARADORAS

Questões que movimentam as pesquisas e interesses de cada artista. Podem ser lidas como um convite para que você possa realizar com sua turma atividades dialógicas, produção textual e processos de criação em artes tomando a pergunta como ponto de partida, pretexto, estímulo, oportunidade.

PRÁTICAS ARTÍSTICAS

Proposições criadas por artistas do programa, considerando a possibilidade de que você e sua turma façam arte, tomando contato com um conjunto de elementos que movimentam seus processos de criação. Sugerimos que vocês registrem suas vivências e compartilhem com pessoas de outras escolas – e também conosco. Busque contato pelas redes sociais ou pelo website do ia Ouro Preto: <https://ia.art.br/>

ATELIÊ ABERTO

Ao final do programa de residência aconteceu uma mostra virtual chamada "*mina, ruína, caco e minério – ateliês digitais*". Nela, cada artista compôs um ateliê digital, com um conjunto de obras, partes dos processos de trabalho e fragmentos de ideias.

Disponibilizamos imagens de fragmentos de cada um dos seis ateliês e o acesso à mostra digital completa para que vocês possam explorar as relações entre as obras, fazendo leituras de imagens e rodas de conversas como oportunidade do exercício da interpretação e da crítica diante dos trabalhos.

PRIMEIRA PESSOA

Depoimentos das/os artistas, narrando sua relação com as artes visuais, seus processos de formação e estudos em artes e outras áreas de interesse, suas memórias e histórias de processos de criação em artes. Estes textos são fundamentais para promover conversas e reflexões sobre escolhas de vida, estudos, propósitos e o papel da arte no cotidiano de artistas e não-artistas.

PROCESSOS EM DIÁLOGO

Textos com uma abordagem curatorial, destacando, organizando e relacionando aspectos, elementos e chaves de leitura e abordagem dos processos vivenciados durante a residência no ia Ouro Preto. Podem ser utilizados para que você prepare suas aulas ou ainda para realizar rodas de leitura coletiva com estudantes de Ensino Fundamental II, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos ou universitárias/os em geral.

PROCESSOS DE APRENDIZAGEM

Abordagem pedagógica das propostas artísticas e indicação de pistas para traçar percursos de aprendizagem em diálogo com aspectos da BNCC de artes visuais.

Por fim, te convidamos a explorar as matérias condensadas nas próximas páginas e a embarcar com esse grupo de artistas em seus processos, inquietudes e proposições. Descobrir as fronteiras fluidas entre os universos de cada pessoa, entre processos que não são puramente globais ou locais e que não desenharam no mapa fronteiras bem definidas. Te propomos seguir, tropeçar nas pedras, se aventurar em caminhos tortos e empedrados, recolher os cacos das memórias e imaginar novas formas de trançar as linhas da arte e da educação. Esperamos que você possa criar experiências artísticas memoráveis e significativas para toda a sua comunidade escolar.

Com um abraço,

Tainá Azeredo e Valquíria Prates

artistas

bárbara mol

belize de melo neves

douglas aparecido

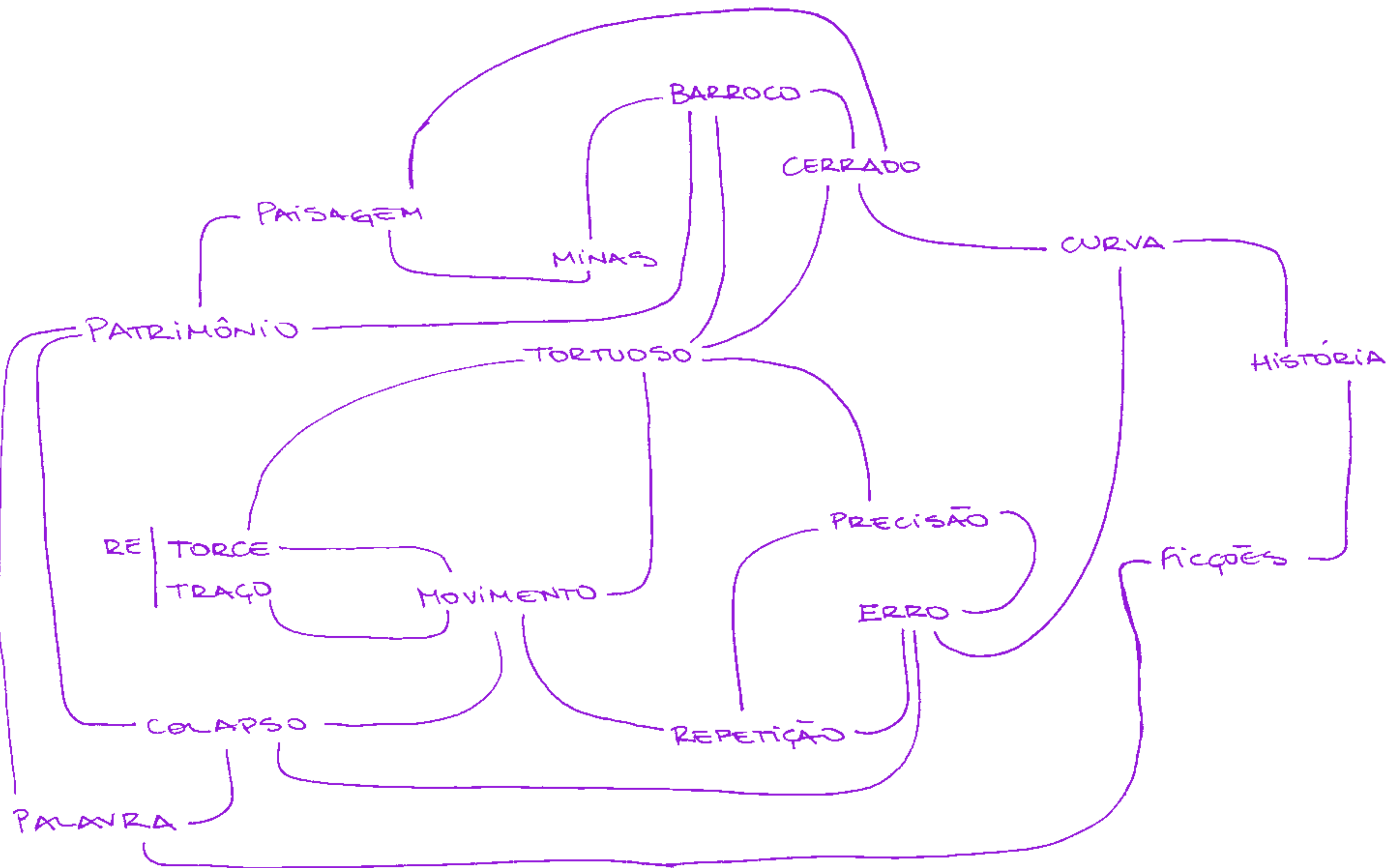
efe godoy

lucas soares

massuelen cristina

bárbara mol

Para qual tempo a arte nos educa
(nós: profes e alunxs;
espectadorxs e artistas)?



1) Na praça, o que será que pensa Tiradentes?

Há algum tempo ali, ele deve ter bastante coisa para nos contar. Imagine aquele lugar em que o Tiradentes (estátua) está. Há um largo campo de vista que ele alcança. Ele está em pé, no alto, centralizado no espaço e olhando ao longe.

E você, onde você está? Se você ficar em um lugar mais alto que o chão, em pé, para onde você olha?

Propomos que o observador contemple seu entorno. Vire, ande, feche um olho, feche os dois, ouça o ambiente com suas cores e formas escolhendo um ponto de vista para estar por alguns minutos. Ao se posicionar, seja lá onde for sua praça, tente fazer anotações sobre o calor, o frio, a luz, o escuro, os ruídos, os latidos, os carros, as vozes, as nuvens e o vento.

a. Você poderia nos contar o que se passa nesse seu momento?

b. Descreva em palavras/desenhos os elementos que você alcança daí, onde está, mas não pode ver.

2) Direito à natureza

Todos temos direito à Natureza. Ela é muito mais do que paisagem-engeite ou uma vida-biológica para servir aos seres humanos das formas mais ou menos comerciais possíveis. Ela existe porque ela também tem direito a existir e a se desenvolver. As plantas, os insetos, as pedras, os animais que criamos, a chuva, a neblina, tudo parece participar de um grande cenário chamado VIDA e por isso, também, ela é frágil e às vezes, violenta. E, no entanto, convivemos com ela, dependemos dela, do ar que as plantas e algas nos dão gratuitamente, da sombra e do frescor que as árvores nos oferecem sem nada pedir em troca regulando a atmosfera, da água de uma cachoeira que nos lembra com o uso do seu peso e sua leveza a existência de um prazer único que é estar em contato com essa fluidez. Por isso, propomos que você dê à Natureza uma chance de ser ela mesma, sem tirar dela nada, sem nada dela pedir. Como fazer isso? Sugerimos alguns passos:

a. Fotografe durante uma semana, de um mesmo local e hora, uma montanha/serra/vale. Se possível, caminhe nesse mesmo ambiente mais de uma vez. No final da ação, descreva como essa montanha se moveu durante os dias e como poderia ser reapresentada ao mundo como imagem.

b. Desenhe a natureza que existe em sua casa. Cuide para que seu desenho conte algo diferente sobre isso que você encontra como natureza. Como ela te influencia? Quais sentimentos ela te faz sentir e pensar?

c. Plante uma árvore frutífera em qualquer suporte reaproveitável e cuide dela.

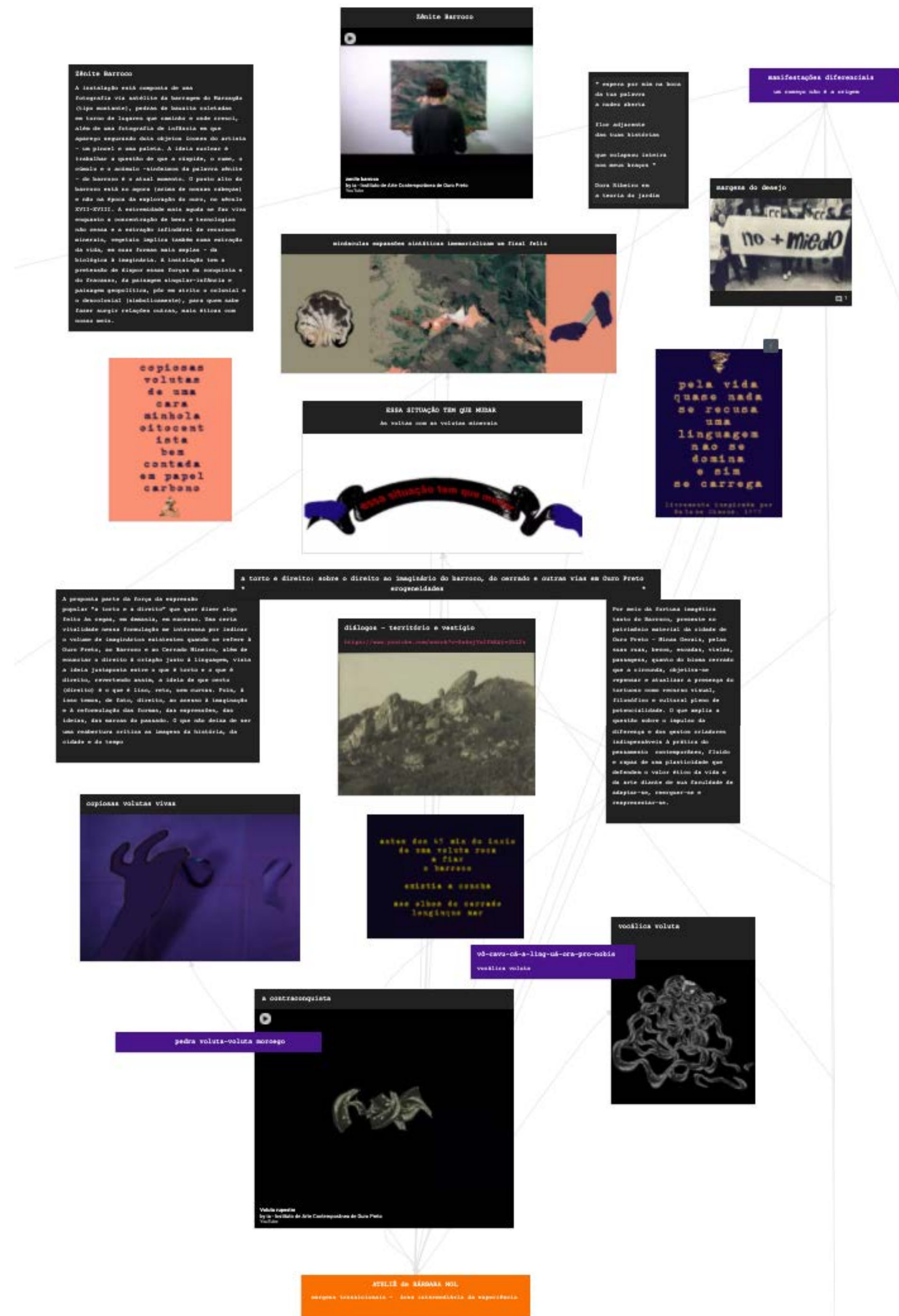
d. Semeie suas ideias sobre o convívio positivo com a vida não humana. Semeie mudas e grãos, veja-os se tornar mais fortes e crescer, cuidando disso você também está cuidando de você e de seus parentes, vizinhos, cidade. Defenda a vida em suas variáveis, plantando!

e. Espalhe também as suas ideias de como garantir o direito à natureza para as pessoas e de como não interferir na inteligência imemorial da natureza.

3) Que coisa são as estrelas?

Se você fosse o Pico Itacolomi por uma noite, você saberia quantas estrelas cruzam o céu. Ser-pedra, ser-mineral, ser nada, nada simplesmente. Existe uma potência em ser que é estar aí, que é sentir esse agora profundo.

Propomos que por uma noite você observe o céu e se lembre que o tempo é muito anterior aos homens, às guerras, às indiferenças e aos abandonos. Contemplar o céu não é fugir da Terra, é confirmar sua esfericidade, sua rotação, seu movimento. É compreender que o céu e seu infinito nos acolhem quando tudo na superfície nos provoca ao limite. Mantenha-se no instante, pense no vazio e no cheio do universo, no contraste da noite e das pequenas iluminações que vemos, naquilo que apenas podemos ver. Pense nos sinais emitidos desses corpos que nos deixam apenas seus rastros luminescentes há muito tempo não mais existentes. Que corpos são as estrelas? Sobre isso que já se foi, deixando um sinal que atravessa longuras até crepitar diante de nós, escreva um poema, um parágrafo, uma frase.



por **bárbara mól**

A carreira em que invisto todos os meus dias como artista visual começou por ser experimentada ainda na adolescência com cursos na FAOP (Fundação de Arte de Ouro Preto) e nas oficinas dos Festivais de Inverno de Ouro Preto, dos quais participei ao máximo.

Nunca pretendi fazer outra coisa que não Artes Plásticas e, por isso, foi natural a graduação na Escola de Belas Artes da UFMG, onde concluí mestrado e doutorado. Pude frequentar a Bienal de São Paulo (2016) e a partir daí não me afastei desse ambiente, uma vez que minha família não levava à sério minha escolha por terem experiências outras de vida em que a arte era coisa para gente doida ou rica – coisa que cresci ouvindo e que de um modo próprio quis provar ser possível que a arte seja uma outra coisa, mesmo consciente das questões desfavoráveis da profissão no Brasil.

Não posso deixar de mencionar os inúmeros ciclos de debates que frequentei dentro e fora da UFMG, nas exposições, cinemas, teatros e vida cultural à que tive acesso por ser de Ouro Preto, que sempre ofereceu uma vida rica de arte, em grande parte das vezes gratuitamente. Obtive uma bolsa de estudos no doutorado, o que me permitiu passar uma temporada de cinco meses em Paris quando pude experimentar um modo de vida completamente imerso na arte, desde as exposições, museus, palestras como a vida de pesquisadora na Biblioteca Nacional. Experiência que ainda estou digerindo.

Faz parte essencial da minha carreira a atuação como educadora da FAOP, onde pude conviver com uma gama plural e incrível de pessoas com as quais muito aprendi sobre a arte, o ensino e a vida mesmo. Lecionei ainda como professora voluntária para a graduação de Arquitetura e Urbanismo da UFOP (2015/2016), a convite da Professora

Doutora Sulamita Lino e para o ensino fundamental do Colégio Cônego Paulo Dilascio (CAOP 2- 2014/2).

Gosto de me pensar como artista-pesquisadora que atua como educadora intermitentemente. Pela minha trajetória acadêmica realizei algumas comunicações, colóquios e publicações de artigos. Realizei exposições com um grupo de artistas em Ouro Preto - MG (desde 2015) como a exposição Terra Prometida (jul.2016) e Precisas Coisas Impuras (dez. 2016), ambas em Ouro Preto. Destaco que participei de duas residências artísticas: Brasis-residências interregionais em rede e em cooperação entre artistas, em Macapá (2013) e Permeabilidades, em Belo Horizonte (2012).

No ano de 2020, ano em que defendi minha tese, fiquei impossibilitada de divulgar o trabalho, bem como abalada com toda a estranheza que este tempo-fora do-tempo está impondo, abalado como tantos outros de nós. E, então, nesta fase de isolamento social, uma tática para a sanidade foi retomar minha prática ao desenho. Dediquei-me à produção de séries, montagens, experimentos entre a poesia e a fotografia, aprofundei minha relação com a escrita, me permitindo continuar a fomentar o vínculo entre imagem e palavra por meio da criação literária - algumas imagens estão publicadas no Instagram. A maior parte das minhas escrituras são poemas e contos com os quais estruturarei uma publicação de artista, por meio do meu projeto-editora Ninho d'Guaxe (editora independente de publicação de artista).

Tudo são planos e desejos, um alimenta o outro, um embaralha o outro. A questão do isolamento, devido à pandemia, me fez repensar minha trajetória também, de modo crítico, para colocar em xeque as práticas que venho desenvolvendo ao longo dos anos e como as quero manejar daqui em diante.

(Trechos da carta enviada por Bárbara Mol para a inscrição no Programa Emergencial de Residência Artística – iai em janeiro de 2021)

Mas, afinal, o que seria das pessoas se não tivéssemos tantas manifestações artísticas online? Estamos, portanto, lidando com a arte em seu estatuto mais essencial, que é a ambiguidade de ser potente e impotente.

Nessas condições, fui me aprofundando sobre a ideia do fluxo de criação e seus refluxos, sobre aquilo que se refaz e que é tortuoso, a vida no geral, a vida do artista, a vida da mulher artista no interior ou sobre a harmonia desarmoniosa das coisas.

Logo, durante a investigação cheguei em um ponto de pensar sobre o TORTUOSO como elemento estético presente tanto no cerrado mineiro, que é minha paisagem-viva, como elemento estético do Barroco, que é minha paisagem-herdada.

(...)

Inspirada pela força da expressão popular "a torto e a direito" que quer dizer algo feito às cegas, em demasia, em excesso, me interessa indicar o volume de imaginários existentes quando se refere à cidade de Ouro Preto, ao Barroco e ao Cerrado Mineiro, além de enunciar o direito à criação junto à linguagem, vista a ideia justaposta entre o que é torto e o que é direito, revertendo assim, a ideia de que certo (direito) é o que é liso, reto, sem curvas. Pois, temos, de fato, direito ao acesso à imaginação e à reformulação das formas, das expressões, das ideias, das marcas do passado. O que não deixa de ser uma reabertura crítica às imagens da história, da cidade e do tempo. Me interessa mostrar que a fortuna imagética de uma cidade precisa ser constantemente reformulada, pois está prenhe de elementos visuais com os quais podemos atualizar nossa relação o urbano, o vegetal, o patrimonial, o social. Ao trazer à público este tipo de pensamento que coloca em diálogo tantas instâncias – ecologia, história, estética, iconologia, patrimônio, artes plásticas –, um excesso portanto, torna-se concreto a possível prática de pesquisas em arte fora dos grandes eixos artísticos, bem como mostra a potência com que a Arte pode orientar nosso sentidos conscientes/inconscientes através do trabalho com as imagens – médium cujo domínio hoje se prova estruturante e estruturador de nossas sociedades.

Como artista e pesquisadora, que vive e trabalha em Ouro Preto, sinto diariamente, também como flâneur, a potência que sobrevive na cidade à espera de outros olhares capazes de fazê-la colidir com as questões fundamentais, em discussão hoje, que incluem nossa relação com esses ambientes descritos e seu futuro. Em decorrência da pandemia e do necessário isolamento social, 're-retornei' meu olhar para as questões estéticas da minha cidade com as quais sempre invisto em trabalhar.

(Trechos da carta enviada por Bárbara Mol para a inscrição no Programa Emergencial de Residência Artística – iai em janeiro de 2021

Usar as plataformas digitais como modalidade visual servirá para comunicar o que Ouro Preto transmite como cidade-ambiente-imaginário, mesmo sabendo que nessa travessia numérica as experiências sensíveis mudam de grão e que nesse jogo algo se perde – temos consciência disso. Esse imaginário que me rodeia, é nisso que pretendo trabalhar, uma vez que o imaginário não tem idade, quer dizer, é sim uma faculdade humana que atravessa os períodos históricos e artísticos.

(...) podemos pensar no discurso das imagens orientado desde o interior mineiro, conduzido por uma mulher que se engaja no trabalho de dar a ver ao outro formas novas de se relacionar com as realidades disponíveis, seja pelo compartilhamento de textos, de montagens, de referências, seja pela crítica, interpretação, reformulação de significados. (...)

As discussões em torno das questões colonial/descolonial são estéticas porque criticam a forma como as imagens se apresentam/representam e, assim, tornam possível uma via mais acolhedora da diferença, abrindo a chance de uma hospitalidade de consciências mais generosas com os modos de ser e estar no mundo múltiplo, incompleto e insuficientemente compreensível.

Mesmo ultrajados com tantos desastres e desgovernos, apesar de tudo, fazemos arte porque temos algum fio de esperança, uma espera pelas imagens por vir, que nos estimularão a transformações em conjunto com a percepção, a memória, o direito, a justiça, a palavra, enfim, com as operações sensíveis e criadoras que tornam a vida menos insuportável, menos solitária, menos esvaziada de sentidos. (a arte) É, portanto, estética, ética e política, porque toca nossa própria prática cotidiana, e, por consequência, vida em comum.



Desenho de curva
do processo de trabalho
de Bárbara Mól

por tainá azeredo

Tudo que é linha reta se torce, retorce nas palavras sinuosas que se espiralam na língua de Bárbara Mol. Uma palavra em curva. A palavra curva.

Na prática da Bárbara, ir de um ponto a outro não significa escolher o trajeto mais curto, não significa conhecer o fim da história já na primeira página. Significa se entregar ao acaso, às surpresas, e dificilmente enxergar o caminho completo.

O rumo dessa prática é feito de sendas tortuosas, de curvas que dão a volta nelas mesmas e fazem impossível ver o passo seguinte. A partir de um detalhe no olhar cotidiano, de uma frase capturada no ar ou de um traço solto no papel, os desenhos e as palavras vão se construindo enquanto caminham, pé ante pé.

Da abstração de uma viela em curva da cidade de Ouro Preto, a artista extrai a forma, copia a sua sombra, replica a imagem, repete, repete, desgasta o gesto. A curva se faz voluta, não tem mais começo ou fim, circula. A sobreposição dessa estampa, arrancada da rua empedrada do centro histórico, reivindica seu lugar de discurso, seu lugar de existência barroca, o torto como patrimônio. O torto como precisão, não como erro.

A paisagem que a envolve também é curva, assim como os galhos retorcidos do cerrado mineiro são lugar de luta. A resistência das árvores no re-brotar e renovar sua existência a cada fim de queimada, são como um pedido de reconhecimento. A natureza deve ser patrimônio e na pesquisa da Bárbara, lado a lado, o barroco e o cerrado se acompanham.

O barroco traz a sua intensidade de movimentos, a sua contradição de emoções, o drama das formas e a complexidade das luzes. Já o cerrado expõe a força da torção, a tragédia da seca e o impulso de vida onde tudo parecia fim. Nesse diálogo ficam evidentes as duas estruturas do colapso. Tudo tão imponente e tão frágil.

Na escuta desses dois universos, Bárbara encontra a liberdade da linguagem e nos ensina, ao permitir que nossos corpos contornem as curvas do caminho, que também nossa imaginação pode modelar novas formas de pensar.

O que enrola a sua língua: a palavra ou o pensamento?

por valquíria prates

A artista Bárbara Mól tem um profundo interesse nos modos como a arte pode ampliar nossa formação integral. Sua proposta de vivência artística para as escolas é um convite para que as turmas possam realizar investigações estéticas tendo como ponto de partida o corpo como um elemento sensível que pode estabelecer conexões com três ordens de matérias da arte:

- as **memórias** e histórias dos monumentos das cidades em exercícios de articulação de narrativas;
- as **cartografias** possíveis que constituem uma espécie de "direito à paisagem", em exercícios de exploração de elementos naturais, palavras e imagens;
- os exercícios de articulação e elaboração **poética** que tomam como disparadores os conceitos de espaço e tempo.

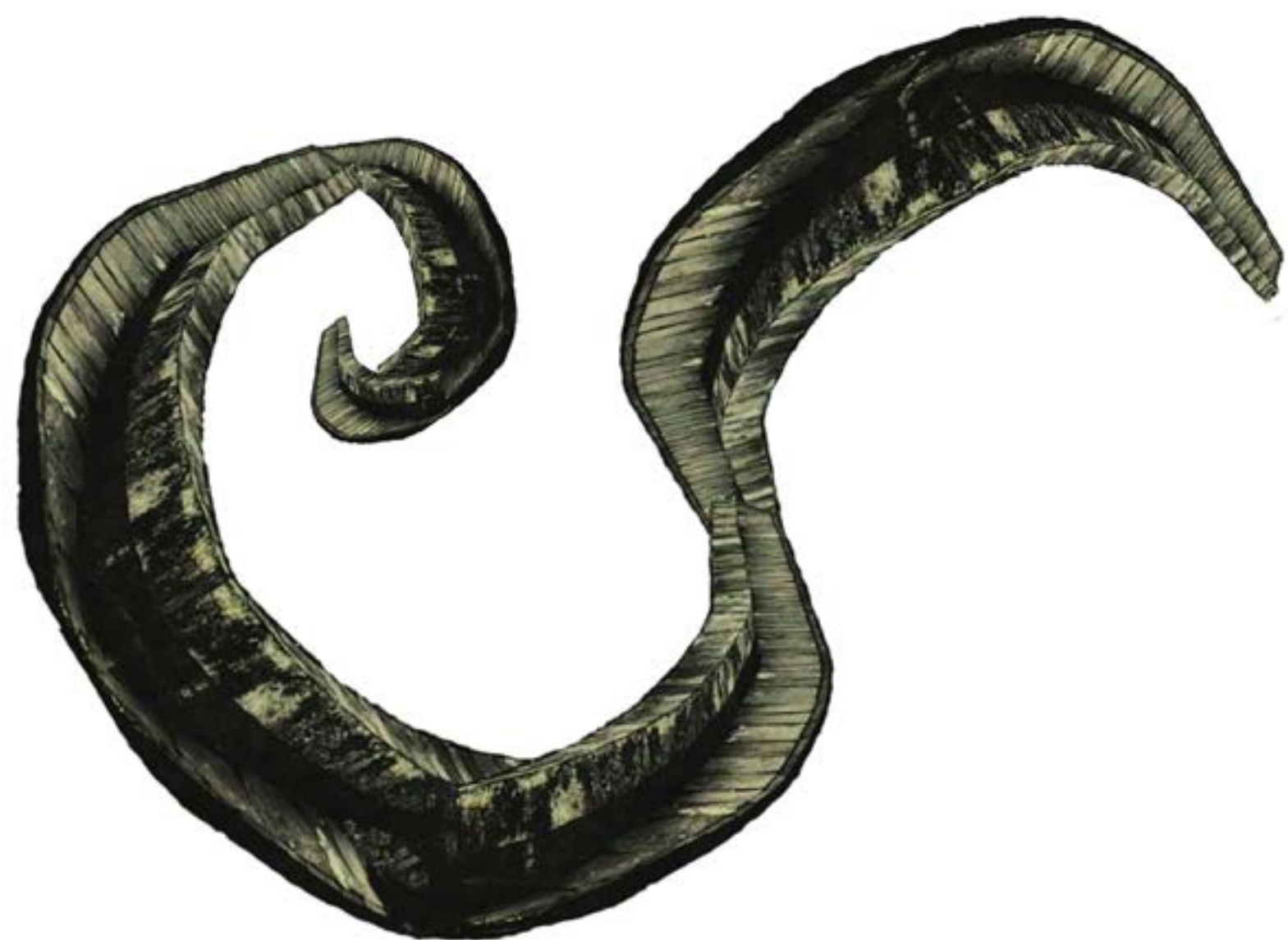
Os três convites de Bárbara estimulam o exercício de habilidades relacionadas respectivamente às *Matrizes estéticas e culturais*, às *Materialidades* e aos *Processos de criação* e articulação poética indicados na BNCC de artes.

Seus depoimentos em **primeira pessoa** abordam aspectos da formação e atuação de artistas e profissionais das artes e da educação, oferecendo elementos para a realização de conversas com a turma sobre a atuação profissional na área de cultura.

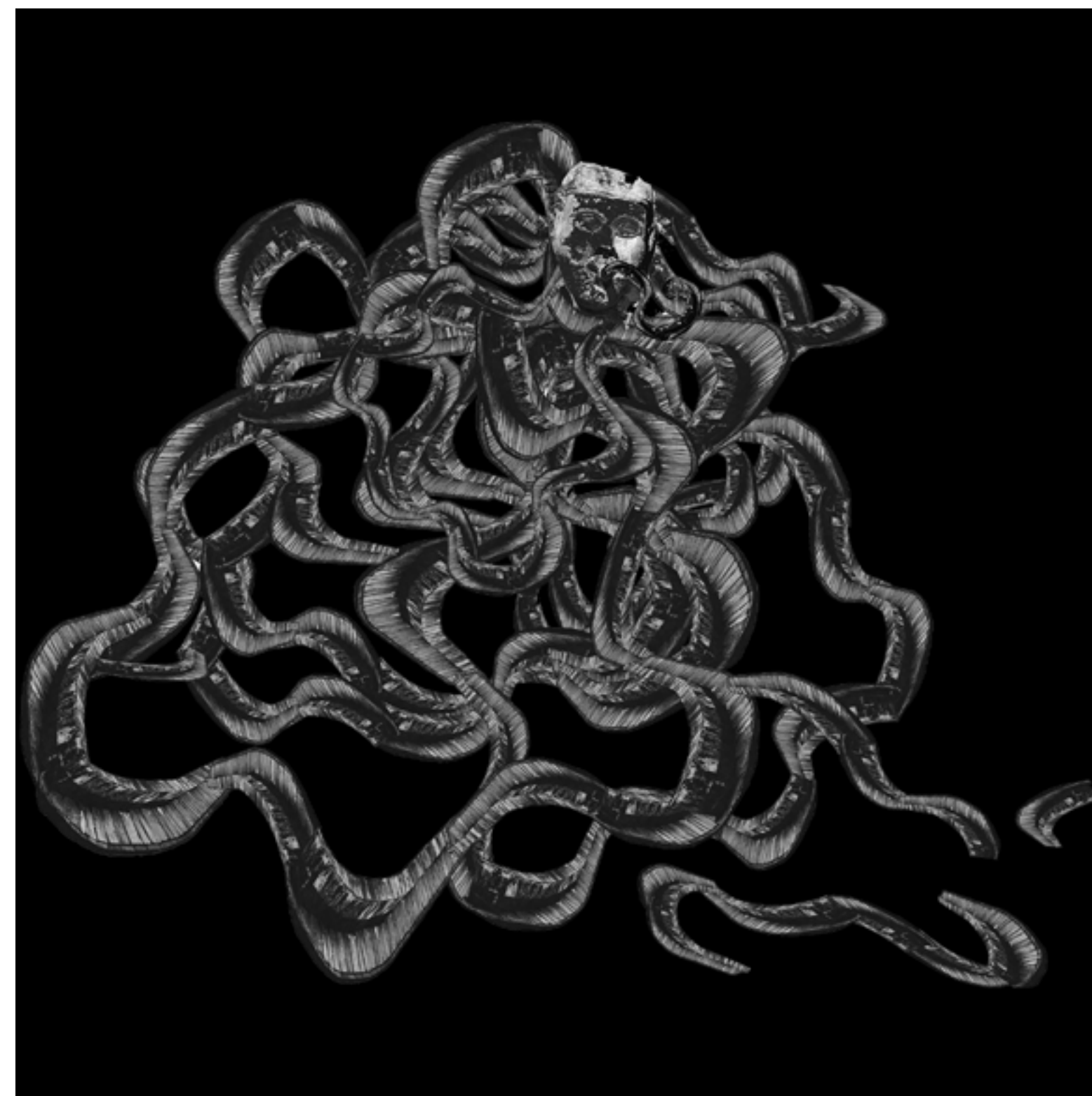
Como parte de uma avaliação dos processos de aprendizagem, a **pergunta** da artista para as escolas pode ser retomada como fio condutor de discussões e narrativas da turma: "*Para qual tempo a arte nos educa (nós: profes e alunxs; espectadorxs e artistas)?*". Vocês podem tentar relacionar, em grupo, alguns dos saberes específicos identificados durante as vivências e seus desdobramentos nas urgências da vida cotidiana.



Copiosas volutas vivas



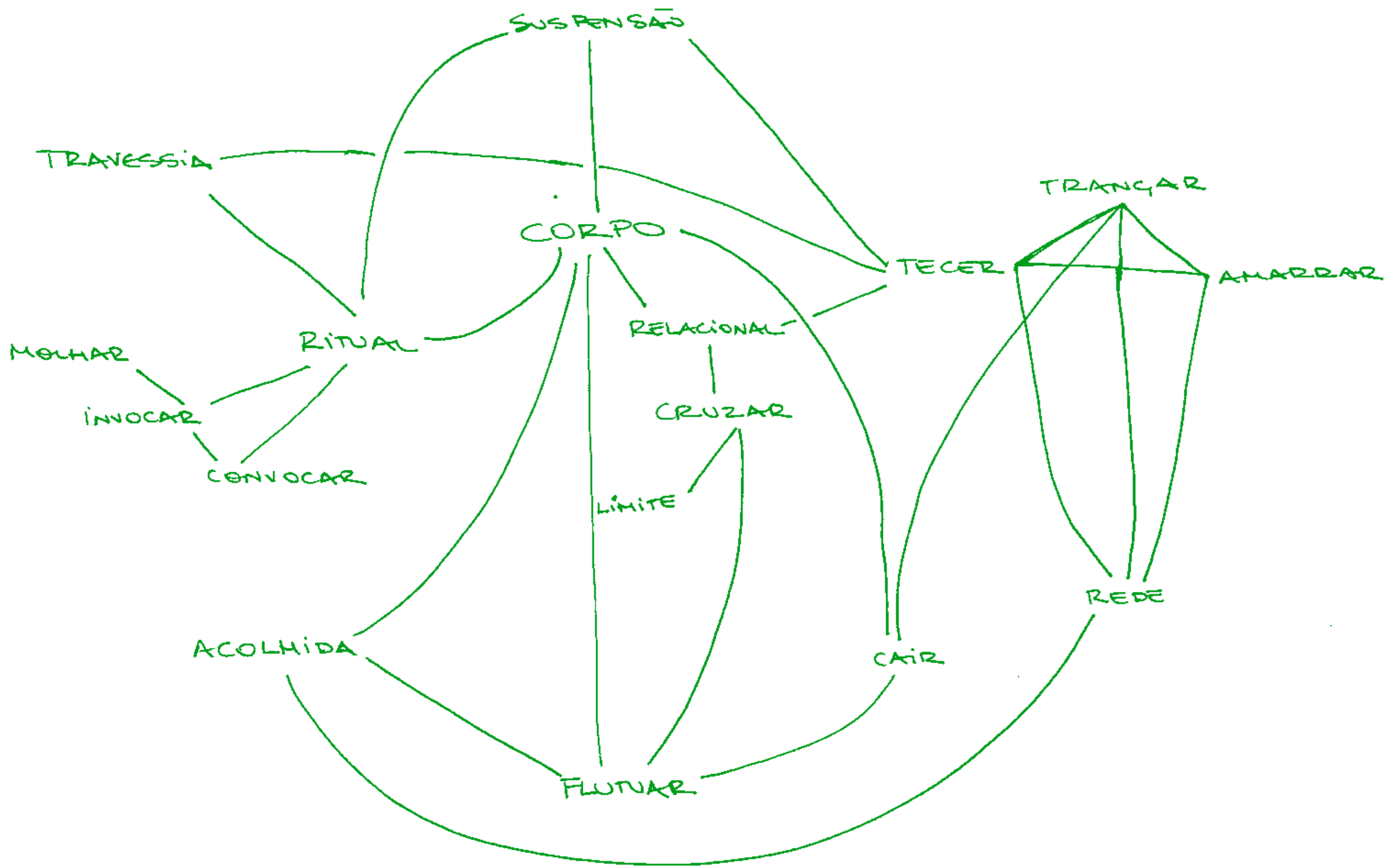
Voluta rupestre



Vólca voluta

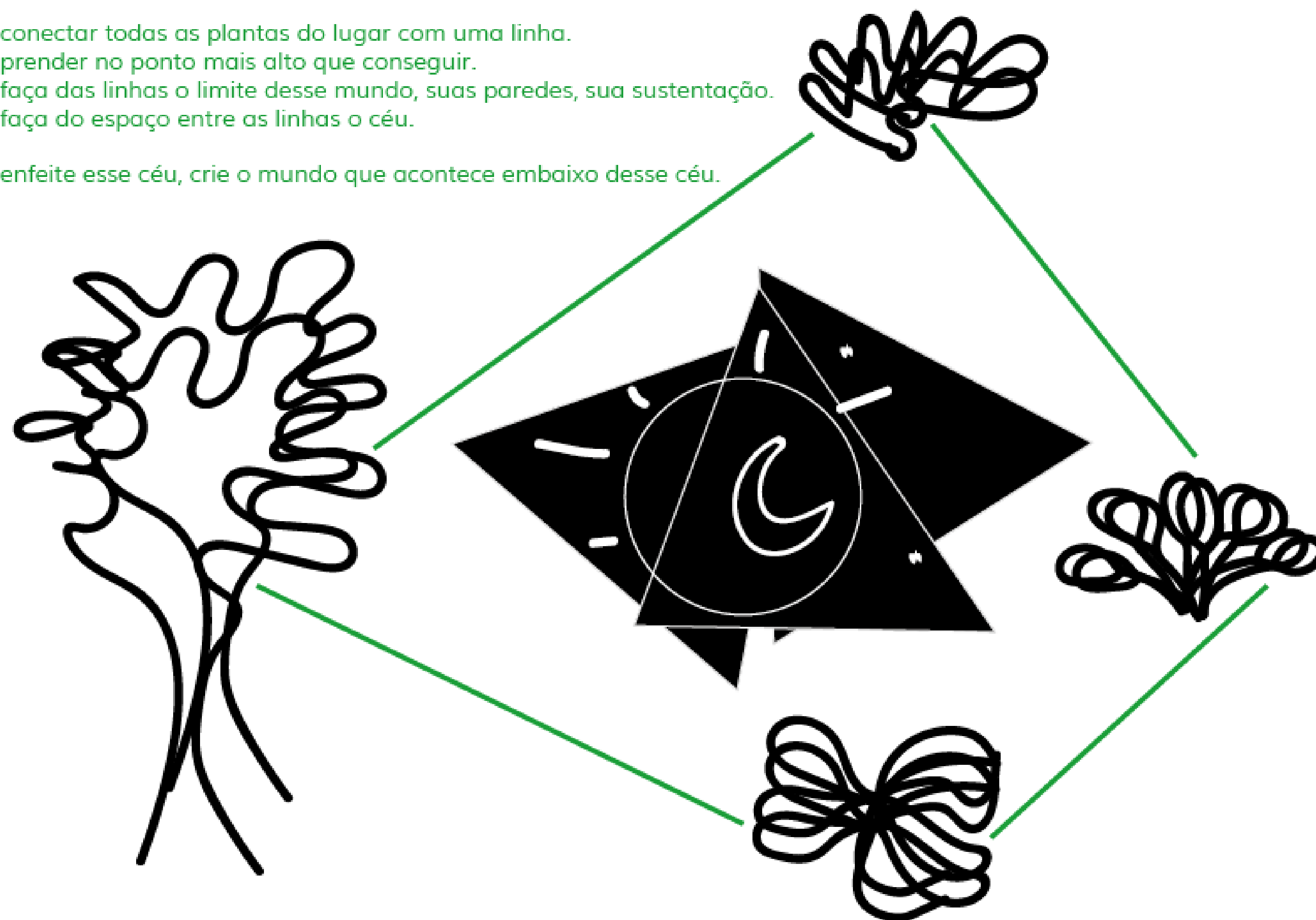
belize de melo neves

com quantas ações se
constrói um novo mundo?

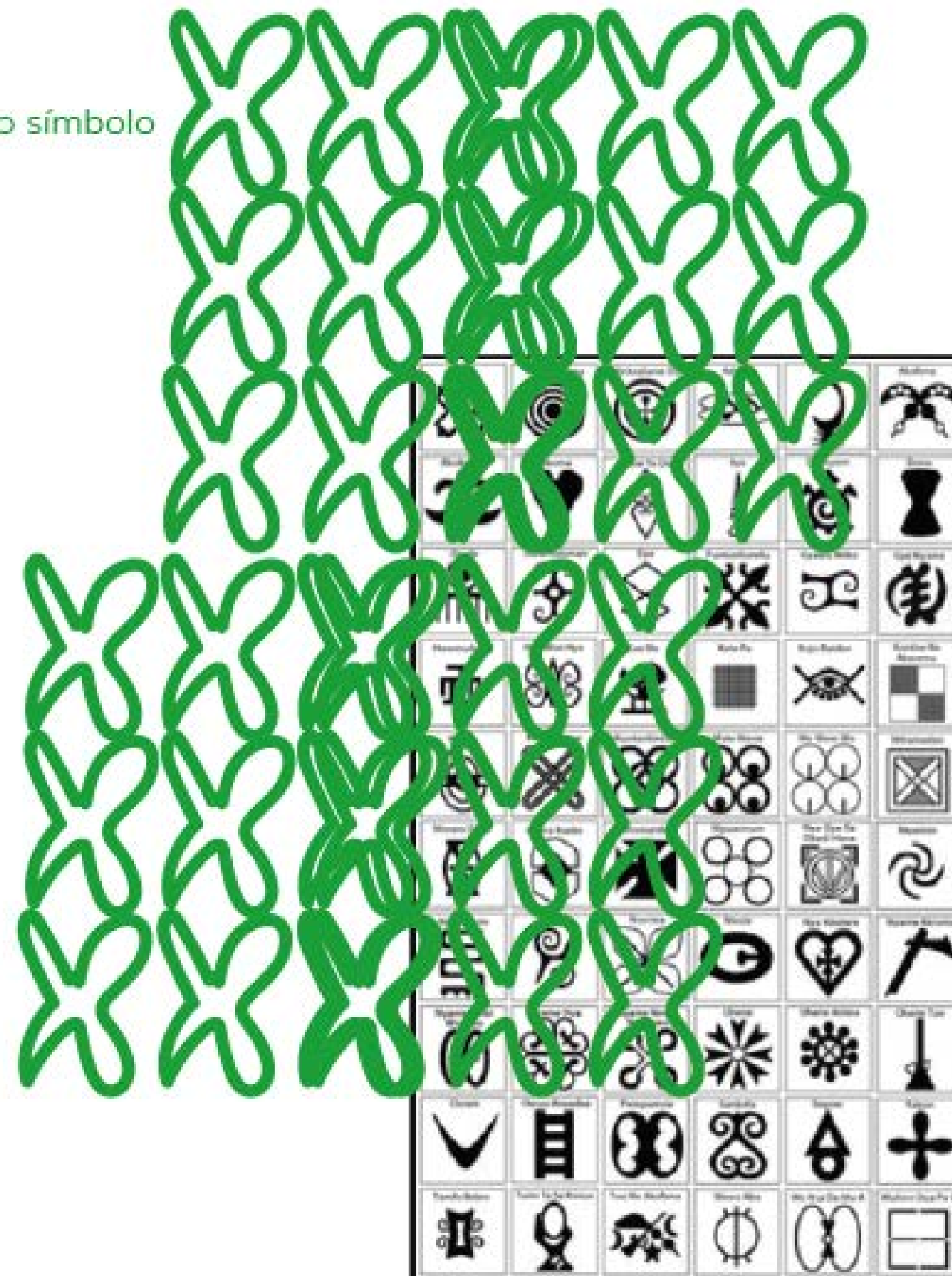


conectar todas as plantas do lugar com uma linha.
prender no ponto mais alto que conseguir.
faça das linhas o limite desse mundo, suas paredes, sua sustentação.
faça do espaço entre as linhas o céu.

enfeite esse céu, crie o mundo que acontece embaixo desse céu.



- propondo os símbolos como itens
- formam pratos
- combinam os símbolos como ingredientes
- cozinham uma grande história



imaginar que cada um de nós
somos

passarinhos gigantes

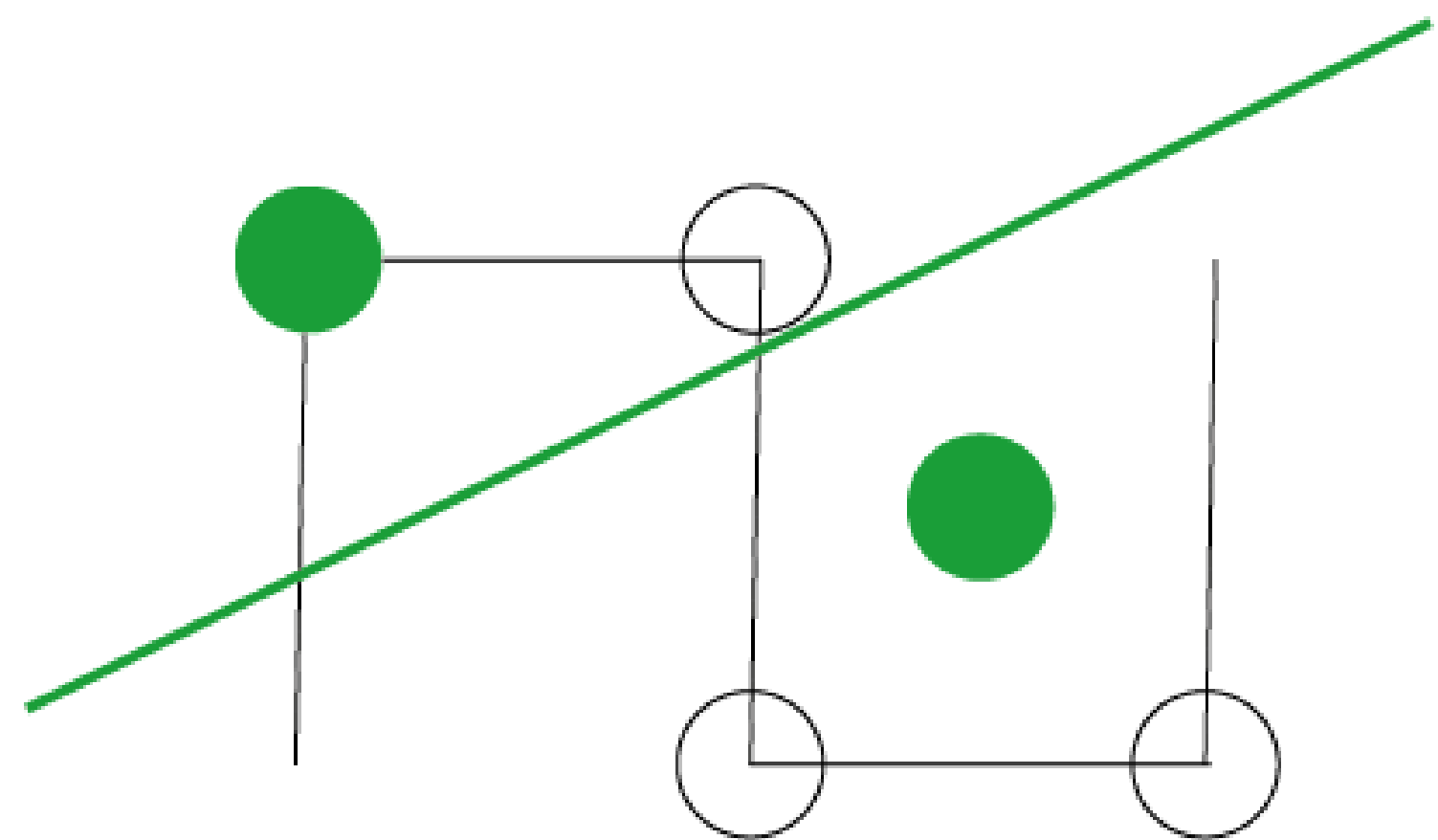
o que fazem os passarinhos?
cantam? espalham sementes?

olhando daí de cima, o que tem no mundo?
qual o tamanho das coisas?
por onde gostariam de passear?

mapear os possíveis de existir assim
sonhar juntos com essa possibilidade
descer ao papel
tudo aquilo do possível

pergunto mais e também:

com quantas ações se constrói um novo mundo?
quantos passos formam uma dança?
no passo da dança, balançam quantos pés?
como se aprende algo que tem como condição de existência
a não apreensão? como se captura o incapturável?
para se conhecer o que ainda não existe,
devemos olhar pra onde? devemos fazer o quê?
quando a necessidade é a abertura de espaço
e a vista uma trama fechada,
qual o movimento constrói/faz o/um caminho para passagem?



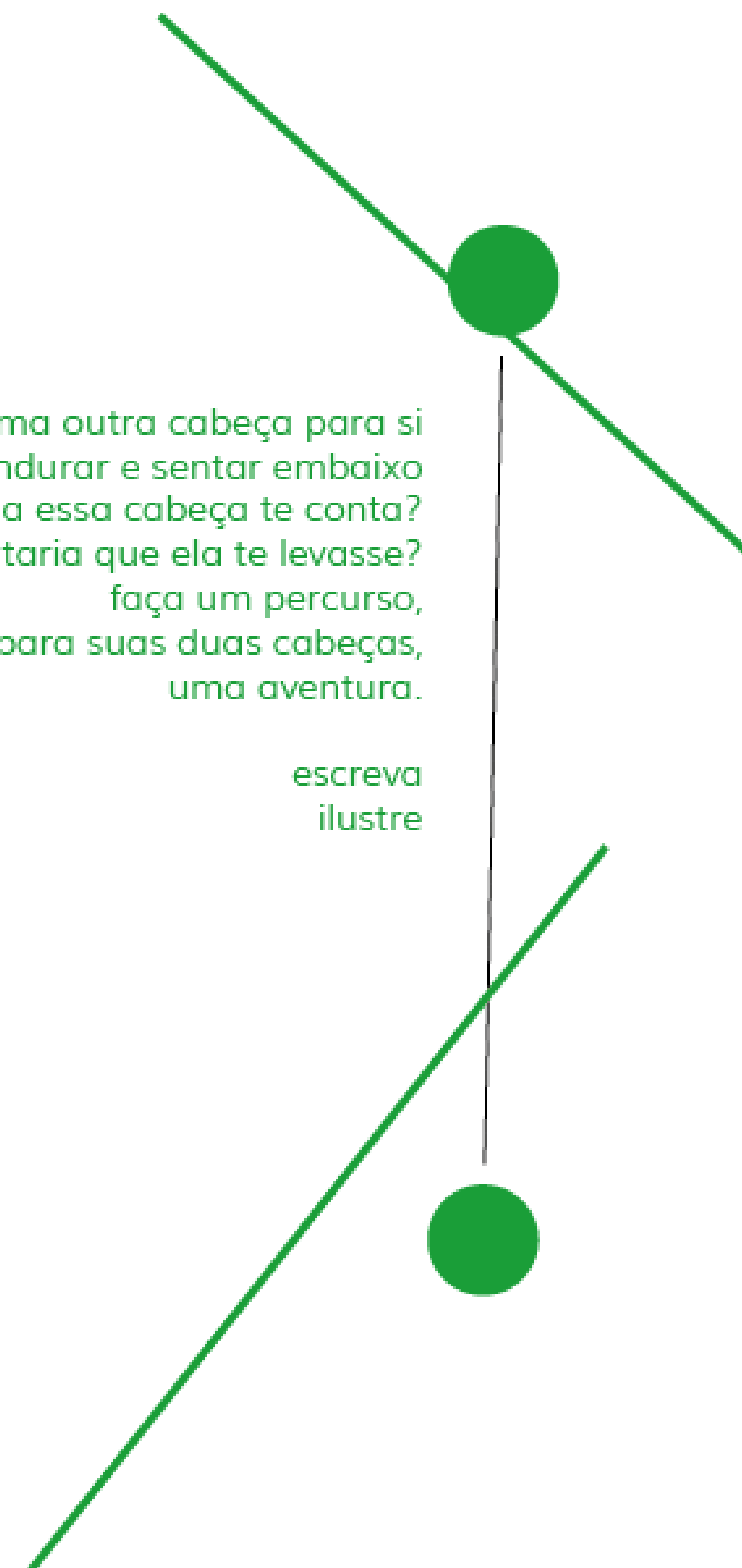
mapear o encontro das quinas do espaço
habitar esses lugares de encontro
encontrar corpo com corpo parede com parede

criar novas quinas
criar novos encontros

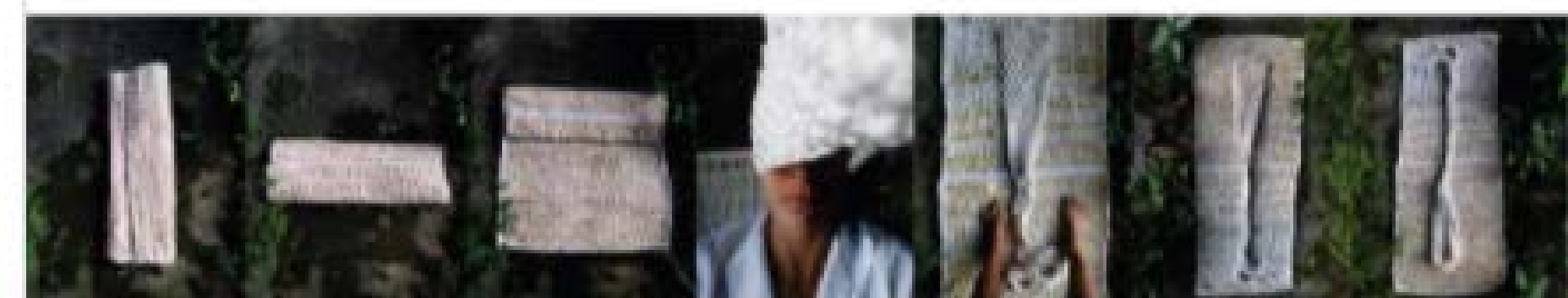
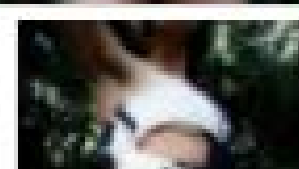
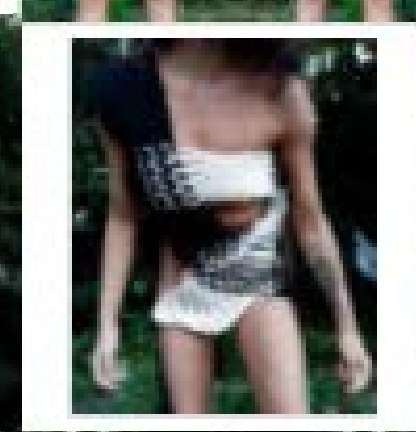
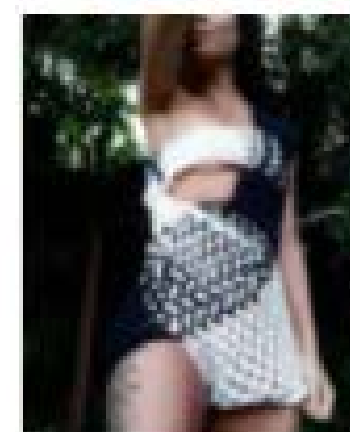
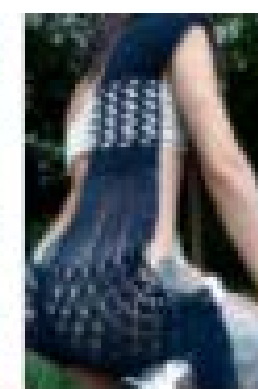
desenhar esse mapa de onde acontece o encontro

fazer uma outra cabeça para si
pendurar e sentar embaixo
que história essa cabeça te conta?
aonde você gostaria que ela te levasse?
faça um percurso,
um caminho, crie para suas duas cabeças,
uma aventura.

escreva
ilustre



ateliê aberto



acesse o site [aqui](#)

por belize de melo neves

Descobri um comichão eterno interno uns anos atrás e isso me levou ao curso de filosofia, aqui na ufop; por incômodo e pelos movimentos que ele causa e causou, busquei cursos de habilidades manuais; observei lugares, estruturas e linhas seguidas de linhas que tecem a realidade, questioneei essa realidade.

Abri a porta para o desejo de participar também desse trançado. agora faço vestes para rituais, escorro palavras em páginas, teço, tranço, sinto caos e organizo pelas mãos.

Tudo que faço é um processo de me amigar da matéria e descer ao solo.

Existir em coerência: na potência dos astros, nas magias do acontecimento, na força percebida por dentro da destruição, do movimento gerado pela morte do medo.

Pouso a mão em aventuras e sigo caminhos que pedem para se abrir, que conversam pela intuição, pelos sonhos e pelos desejos de movimentos internos. Mexe tanto que mexe fora.

Onde estou hoje não é onde eu estava há um ano, como um esticar de asa recém seca ou uma casca nova de um caranguejo, ou engatilhar de criança curiosa.

A rede social se tornou um modo de expor essa formulação constante mutante que faço de mim e das coisas, por dentro da urgência de existir construindo uma verdade prática, no exercício de uma parresia que não se restringe às palavras, que expande e modifica à medida que construo aquilo que me vem como força.

Em 2019, fundei o patavina, um ateliê com a proposta de vender coisas que eu fizesse, na época, estandartes e linhas trançadas tingidas naturalmente.

E 2020. e tudo que foi 2020.

Comecei a questionar os limites do patavina e os meus e a borrar isso para ver onde eu iria.

Quem poderia ser eu se eu fosse o que eu fizesse? O que eu queria mesmo fazer? Como? Qual a combinação da receita que faço de mim para o mundo? Se carregasse o fazer como identidade, aonde eu iria?

E aqui estou eu.

E crio a partir desse lugar.

(Trechos da carta enviada por Belize de Melo Neves para a inscrição no Programa Emergencial de Residência Artística – iai em janeiro de 2021)

primeira pessoa

Atualmente, tenho uma pesquisa com vestes e acessórios, objetos meditativos e ou para rituais. em função dessa pesquisa, iniciei uma exploração sobre o movimento e meu próprio corpo, entre a câmera e como me coloco diante dela, como corpo que sustenta.

Comecei a formar um corpo que performa para a rede social, para comunicar e tecer encontros a partir dessa presença virtualizada, como colocar ali com integridade uma peça que concebo?

A situação da Covid-19 impossibilitou a parceria com outros corpos artistas, para troca, produção e performance dessas peças.

É de grande interesse meu que essa troca aconteça assim que for vacina!

Trabalhando com os possíveis de agora, prossigo no exercício de construção desse corpo que sustenta o que tece.

Ainda no contexto da rede, estou buscando mais recentemente

registrar os processos, as inspirações e os acasos que acontecem no espaço que habito e trabalho. Salvo esses relances e fragmentos nos destaques dos stories do instagram. Nesse local de construção, desse corpo e dessa identidade artística, no contemporâneo atravessado pela mídia social e por um estado de partilha atual centrado na virtualidade, por impossibilidade dos encontros, busco construir uma temporalidade que carrega alguma lentidão e alguma confusão de linha do tempo: televisionando alguns imediatos, mostrando processos e partilhando alguns dos acontecimentos do dia; e em um outro lugar criando espaços rituais para me relacionar com a peça e fotografar para postagem no feed em um momento livre.

Tento criar uma relação com a rede na qual o imediatismo não engula processos íntimos que cercam uma peça entre o momento que acho que concluí até o momento que declaro que concluí, formando um território invisível da relação minha com a peça, estico o tempo para deformá-lo para que a relação tenha espaço para acontecer, cada coisa com seu tempo.

(Trechos da carta enviada por Belize de Melo Neves para a inscrição no Programa Emergencial de Residência Artística – iai em janeiro de 2021)



Trança, obra produzida
durante a residência

por tainá azeredo

Para saltar não é necessariamente preciso saber voar, mas saber cair. A prática da Belize de Melo Neves é esse desejo de salto no vazio, mas é também a sabedoria da queda.

Ela chegou no programa de residência contando sobre um estado de suspensão, sobre a vontade de construir raízes para a memória que cambaleia e teias para capturar pensamentos que flutuam sem pousar. Ela quer vestir o território, quer reorganizar o peso do mundo, quer contradizer os tempos e se lambuzar no futuro.

Seu corpo é esse território onde tudo se mistura: casa, água, música, palavra, matéria. Sua prática é um labirinto feito de múltiplos acessos, com todas as possibilidades de escape. Ao acompanhar a pesquisa da Belize, aprendemos que em qualquer caminho que se decida tomar, sempre te esperará um novo cenário, uma nova saída.

Belize tem as mãos de artesã, seu corpo se funde com material que trabalha, pele e linhas, carne e trançado. A artesã que mora na artista conhece profundamente seus fios, cordas, cordões e barbantes.

Conhece os pontos e os nós, sabe escutar o que pede o material e tecer perdendo o controle do movimento, deixando que suas mãos sejam livres como a queda. A artista que compartilha o mesmo espaço, convoca o mundo ao redor, recolhe pedras, troncos, observa o ciclo dos insetos, dos dias, das chuvas. Nessas duas formas de trabalhar, a artista-artesã conjuga salto e precisão. Trança para poder cair e se perde para não amarrar. Ela combina elementos e convida outros corpos para balançar nessa rede.

Suas vestes, nossos corpos.

Entre nós a Belize constrói uma porção de espaço íntimo, um território de proximidade que se estabelece mesmo quando o que nos resta é a distância e a virtualidade. Nos conecta através de proposições que movem nossos corpos com a palavra, constrói imagens e ações, estende a sua casa e alonga o telhado para nos acolher.

Quantos nós precisamos desfazer para desembaraçar o peso dos dias?

por valquíria prates

Os exercícios criados por Belize de Melo Neves são convites para vivenciar um processo de criação em artes:

- realizando a construção física de um espaço ambientado a partir da mobilização de matérias cotidianas diversas;
- ocupando e explorando com o próprio corpo o espaço criado;
- incentivando a criação poética em diálogo com as perguntas e instruções elaboradas pela artista.

Um amplo processo de reflexões e do exercício da imaginação pode ser estimulado em torno da questão geradora: "*Com quantas ações se constrói um novo mundo?*" e o cotidiano dos participantes.

O depoimento da artista sobre seu percurso, interesses e pesquisas artísticas pode ser lido em grupo para conversar sobre a presença das manualidades nas artes visuais e no cotidiano.

Ao vivenciarem todas as etapas da ação sugerida, você e sua turma podem investir no aprofundamento de um conjunto de habilidades da BNCC inerentes aos *Processos de Criação* e aos *Elementos da Linguagem*, em especial os relacionados à estesia e à experimentação poética.



Trança, obra produzida
durante a residência





Trança, obra produzida durante a residência

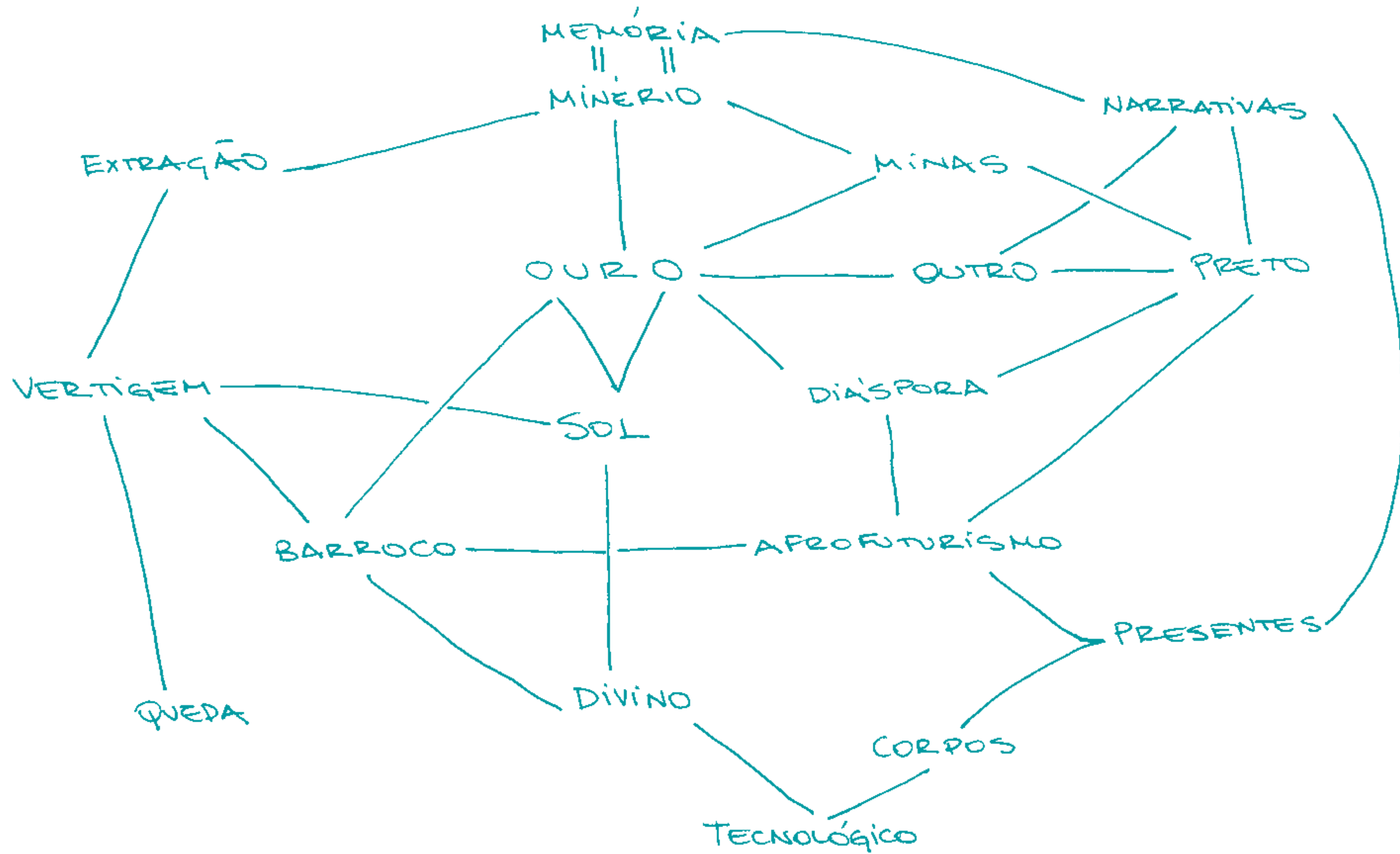


Pedra, sacola, corpo, voz. Exercício produzido durante a residência



douglas aparecido

OURO: o que vem à mente,
quando se pensa nesta palavra?



jogo de PALAVRAS

"A estrutura, que organiza o caos em cosmos, é a linguagem"

Vilém Flusser

Objetivo: possibilitar que as palavras-chave abram caminho para construção de uma imaginação coletiva, e que, ao final do percurso, permita ao participante ter uma nova leitura sobre a história de Ouro Preto.

1) escreva a palavra: OURO

Estimule a imaginação: o que vem à mente, quando se pensa nesta palavra? Apresente algumas informações (metal mais raro; mais valioso; já foi utilizado para medir qual país era mais rico que o outro). Anote as referências mais relevantes.

2) pergunte: o que vem à mente, quando se pensa em um lugar com muito ouro? O que teria neste lugar? Anote as referências mais relevantes.

3) escreva PRETO ao lado do OURO: OURO PRETO

Estimule a imaginação: que lugar é este? Por que tem este nome? O que aconteceu neste lugar e porque ele é tão famoso? Anote as referências mais relevantes.

Informações: Você sabia que Ouro Preto é a primeira grande mina de ouro da história do ocidente? Que, durante 100 anos, a cidade de Ouro Preto, foi um dos lugares mais importantes do mundo?

4) destaque a palavra PRETO

Estimule a imaginação: quais são as referências que esta palavra traz? Preto escravo – Preto escravizado – preto = africano – Africano escravizado – escravizado porque sabia tirar ouro.

Ápice do jogo: demonstrar que, ao compreender que os africanos foram escravizados, por terem conhecimento de extração de ouro, quebra-se a lógica do escravo "sujeito inferior, sem capacidade cognitiva". Isso abre debate sobre os diferentes territórios, bem como o que ocorria em cada um antes do período colonial (referência: Imperador Mansa Musa, imperador do Mali, considerado um dos monarcas mais ricos da história da humanidade).

5) destaque OURO PRETO e acrescente um T no meio do OURO, OUTRO PRETO.

Conclusão: falar da história não contada de Ouro Preto, onde os africanos, em condição de escravidão, foram responsáveis pela extração de ouro em um dos territórios mais importantes do mundo durante o século XVIII.

ateliê aberto



acesse o site [aqui](#)

por douglas aparecido

Certa vez, um cara me disse:

- Você nasceu preto, pobre e na periferia! Você nasceu assim e vai morrer assim! Ele tinha razão. Continuo preto, pobre e morando na periferia. Só que, ao mesmo tempo, ele se enganou, profundamente, ao dar um sentido negativo àquelas palavras.

Naquele instante, sua fala foi racista. Por ser preto, segundo ele, eu estava condenado a ser inferior: preto, pobre e morador de periferia. Segundo ele, qualquer coisa que fizesse eu não mudaria minha condição.

Eu era um jovem recém-saído dos limites do meu bairro. Era o primeiro instante em que interagia com outros adultos, fora do ciclo da minha comunidade. Estava me tornando um militante de esquerda e aquela fala seguia gravada em minha mente, como uma espécie de pergunta que até hoje guia meu processo de construção pessoal.

No decorrer desse processo tentei entender o porquê daquela condenação. Dei continuidade à minha formação, até me tornar quem me tornei. E quando digo que aquele cara se enganou, digo pelo fato de hoje entender que ser preto, pobre e de periferia não tem nada a ver com inferioridade. Foi uma longa jornada até conseguir mudar minha visão, meus sentimentos diante da vida, mas aconteceu exatamente por ser um preto, pobre e nascido na periferia de Ouro Preto.

Aos trancos e barrancos atravessei diversos tipos de espaços de conhecimento. Desde muito cedo descobri o gosto pela leitura e pelo debate. Estas habilidades me permitiram transitar em diferentes

ciclos de discussões e me possibilitaram ter acesso a informações que jamais teria se não fosse aquela pergunta, ainda gravada na mente. Rompi a bolha e me tornei o primeiro da minha família a acessar a universidade e cursar o bacharelado em Filosofia.

Ingressar na universidade foi a prova de fogo mais cruel de todo processo, pois ela legitimava a condenação. Eu era um dos três pretos da minha turma de 25 alunos e o único pobre, nascido e criado em Ouro Preto. Talvez, por isto, o mais ingênuo e deslumbrado.

Nos dois primeiros anos, estava entre os melhores alunos da turma. Até que, conforme fui me aprofundando nos estudos, foi se revelando uma série de mazelas daquele ambiente. À medida que exercitava meu raciocínio, uma das tarefas essenciais do curso, as conclusões me diziam que aquele espaço não era para mim. Por quê? Porque era o ambiente de legitimação do pensamento europeu, de exaltação dos pensadores brancos, responsáveis pela construção de discursos e práticas que estabeleciam diferenças entre brancos e pretos. Este pensamento estava ali, diante de mim, infalível. Resultado: abandonei o curso, faltando poucas cadeiras para me formar.

Nesse percurso, mergulhei num outro universo, agora de produção, educação e criação artística cultural, outro calvário. Subjugado, jogado sempre que possível para escanteio, invisibilizado. Mas, mesmo assim, sempre seguindo em frente, atravessando as circunstâncias com maestria, com a dignidade que aprendi como mestre-sala na escola de samba do Padre Faria. Hoje entendo que todo ensinamento que recebi, vivendo na comunidade, foi que me permitiu trilhar meu caminho, mesmo que de forma não convencional.

Há exatos 20 anos, iniciei minha jornada. Ao longo deste tempo, entrei e saí de diversos lugares. Descobri no estudo, na pesquisa e na criação as minhas potências mais fortes e no engajamento minha razão de existir. E o ponto mais glorioso foi ter o privilégio de reconhecer minha ancestralidade. De poder reconhecer, por meus próprios percursos de pesquisa e estudo, que minha ascendência parte de seres humanos que possuíam e possuem uma genialidade fora do comum. E, ainda mais, foi descobrir a genialidade de meus ancestrais, junto ao fato de que a periferia de Ouro Preto está entre as mais importantes do mundo, pois a periferia da cidade é uma grande mina de ouro desativada, berço de uma história, ainda não contada, capaz de mudar nossas visões sobre o mundo.

E qual o maior aprendizado? Esta trajetória fez com que eu me conhecesse a mim mesmo. E, conhecer a mim mesmo, me permite cuidar de mim. Me reconhecer enquanto um ser pensante, capaz de criação e transformação, me fazendo entender o valor que minha vida, minha existência e minhas ações possuem.

Hoje me tornei poeta, artista plástico, fotógrafo, videomaker, produtor e provocador cultural, professor e palestrante. Retornei para a universidade e estou prestes a concluir o curso de bacharel em Filosofia. Só que, desta vez, caminho em busca das minhas verdades. Minhas verdades coletivas, as verdades que nos dizem que ser preto, pobre e de periferia é marca de dignidade, título de respeito. Que tanto o lugar, quanto a pessoa, são bases de condição para que a vida aconteça.

Recentemente completei 38 anos. Tenho três filhas e duas enteadas.

Minha companheira é cabo-verdiana, o que contribui de forma muito profunda para meu entendimento do significado de ser preto no Brasil e ser preto num país africano. Entendo que chego em um momento da vida em que a bagagem que reuni precisa ser compartilhada, já que ela possui o poder de transformar pessoas.

O motivo de eu ter me colocado como pré-candidato ao poder legislativo, em 2020, foi ter percebido e entendido que para lidar com o momento que estamos vivendo - marcado pelo racismo como prática escancarada, o genocídio inescrupuloso da população preta, a vulnerabilidade cada vez mais gritante dos moradores de periferia e as condições precárias do povo pobre - é de extrema necessidade construirmos transformações na estrutura pública que tenham como propósito melhorar a vida da parcela da população responsável pelo funcionamento da máquina pública e de todas as outras esferas de produção da cidade.

Entendo que a conexão turismo/educação/economia criativa é uma área de atuação de inestimável potencial para pensarmos em outra possibilidade de cidade.

Temos em nosso território instituições de ensino, pesquisa e extensão com completas condições de, junto ao poder público e a sociedade civil, criar e executar projetos e ações capazes de produzir a transformação na estrutura social do município de Ouro Preto que queremos.

(...)

Conto com você, contamos com vocês.

(Trechos da carta pública de Douglas Aparecido endereçada à população de Ouro Preto - MG dia 14 de julho de 2020, como pré-candidato a vereador, em candidatura coletiva com Sidnéa Santos e Fredda Amorim)

Denominei minha pesquisa atual de Barroco afrofuturista. O barroco que insurge do passado mediado pela intuição de um afrofuturo.

Trata-se de uma linguagem que emerge da observação do passado com vistas para o futuro.

Um processo intuitivo, mediado por uma insurgência, que interage com códigos escritos de diversas formas, sobre um território erguido no delírio da febre do ouro.

Esta construção é fruto de uma pesquisa ampla, cujo foco é a compreensão do processo de desenvolvimento urbano, desta vila, que era rica de ouro, que sobretudo era preto. Vila, que se torna, por um bom período, o maior centro de produção de riqueza do mundo ocidental e por consequência, centro de uma pujante manifestação do espírito humano.

Em seu espectro mais perverso, ganancioso e covarde, mas também em inteligência, genialidade e exuberância.

Ao que nos interessa neste instante, a composição das obras é constituída de tessituras de traços que sugerem formas variadas. Os excessos provocam a sensação de movimento, profundidade e delírio. São emaranhados de detalhes, que geram vertigem e evocam criaturas, máquinas e artefatos, cuja construção se dá a partir da observação, das formas e intenções expostas, tanto no barroco mineiro, quanto no afrofuturismo.

A mescla de elementos destas linguagens, permite evocar uma energia encantada que possibilita diversas perspectivas de observação de uma mesma obra, ou seja, mesmo finalizada, ela se mantém em aberto, possibilitando ao observador procurar sua própria perspectiva.

De que forma as plataformas digitais podem colaborar com os programas e criar outras formas de produzir e estar no mundo?

Os universos se fundiram, não é mais possível conceber o mundo sem a mediação das plataformas digitais. Abrir-se a isto é abrir-se a um infinito de possibilidades e é a via mais frutífera a ser percorrida neste momento. Vivemos num novo tempo, onde criar e produzir é e será, constantemente, atravessado pelo universo digital. Portanto, não há outros caminhos. Ou se há, há poucos outros...

(Trechos da carta enviada por Douglas Aparecido para a inscrição no *Programa Emergencial de Residência Artística* – iai em janeiro de 2021)

As plataformas digitais, hoje, são as vias de acesso mais possantes no processo de criação.

A conexão permite um trânsito de mão dupla, que conecta a longa distância, pessoas com afinidades criativas, que possivelmente, sem essa via de acesso, jamais se conheceriam.

Necessitamos cada vez mais construir suportes e dispositivos que possibilitem o destaque de processos criativos que comuniquem a necessidade de uma mudança de perspectiva diante do mundo. Criar uma rede múltipla disposta a trabalhar em prol da construção de um novo tempo, compreendendo a hecatombe que estamos atravessando, como mola propulsora, para uma nova possibilidade de construção de futuro. Onde cada ser humano, como integrante de uma mesma família, possa existir em comunhão.

(...)

Tem que haver uma quebra de paradigma. O estigma associado aos negros tem seguido por gerações, mas deve-se considerar o bom senso acima dos pontos de vista estereotipados dos negros. Deve haver uma evolução na humanidade e é minha missão absorver as contribuições do meu povo e devolvê-lo à cultura para que cresçamos em força. Isso sinalizará novos pontos de vista que podem mudar o mundo e levar meu povo à liberação e ascensão da maneira mais espiritual possível.



Obra produzida durante a residência

por tainá azeredo

Uma porta se abre no meio da terra e o artista te convida para uma peregrinação pelas entranhas de Ouro Preto. Uma cidade inteira, com pátios e galerias, escondida debaixo de um patrimônio edificado. Assim é entrar no ateliê do Douglas Aparecido, uma viagem do avesso, por labirintos de minas desativadas, por passados soterrados e conhecimentos não mencionados pela história colonial. Nos subterrâneos da cidade, todo o brilho foi tragado e os fragmentos de sol antes incrustados nas paredes desses túneis, adornam os dedos dos santos e os cabelos enrolados dos anjos nos altares das igrejas. Lá em cima tudo é brilho, esplendor, opulência, mas o relato que se conta é inverso ao que contam as minas. Aqui embaixo essa riqueza não fala de patrimônio ou de luxo, mas de uma herança de poder ancestral, a engenharia de mineração africana. Como diz o Douglas, "a pérola barroca portuguesa é na verdade uma máquina de extrair ouro africana", uma tecnologia trazida por mãos negras na diáspora, devorada pelo colonialismo e apagada pelos discursos hegemônicos.

Dos minérios que ainda se encontram Douglas faz pigmento, suas pinturas também são minas, também são minérios e também estão carregadas de uma memória e de uma força deixada por seus antepassados.

Douglas caminha por essas minas lendo em suas paredes uma outra narrativa, escrita com símbolos Adinkras, com outros divinos, outros códigos, outras ciências. Aqui em baixo essas narrativas correm como veias, e o artista em sua prática, como se cortasse a terra longitudinalmente, nos expõem as vísceras africanas embaixo e a carcaça colonial em cima. Nessa imagem vertiginosa, ele consegue reconhecer o passado, estancar a ferida e abrir caminhos para pensar um futuro possível. A força da estrutura é o sustento da memória, e aqui esse futuro que o Douglas desenha é negro-barroco, é afro-futuro.

Quantas minas escondidas existem debaixo de nossos azulejos?

por valquíria prates

"OURO: o que vem à mente, quando se pensa nesta palavra?" é a pergunta do artista Douglas Aparecido para os estudantes e professores interessados em conversar sobre questões sociais e econômicas que atravessam as vidas de brasileiros de todas as idades e regiões do país há gerações.

O jogo criado pelo artista é uma oportunidade desenvolver habilidades da BNCC voltadas às Matrizes estéticas e culturais do Brasil. Realizar a proposta envolve a realização de exercícios de investigação poética a partir dos repertórios de sentidos e vivências dos participantes relacionados às palavras **ouro** (e sua dimensão de poder e riqueza no país) e **preto** (com foco nas pessoas negras e na dimensão de conhecimentos de povos africanos que ao terem sido escravizados tiveram seus conhecimentos tecnológicos usurpados e sua força de trabalho explorada desde então).

As reflexões ganham uma dimensão de memória e história ao realizarmos a combinação de ambas palavras e alcançar o nome da cidade de **Ouro Preto** e seu importante papel na história do Brasil colonial.

O exercício ganha contornos poéticos de ampliação de sentidos e empatia como reconhecimento por meio da inserção da letra T na palavra ouro, formando a expressão "**ouTro preto**": o simples gesto traz a conversa dos participantes para os tempos atuais em um movimento de busca do outro, do próximo, da presença da história dos povos escravizados diariamente em nossas vidas.

O texto **primeira pessoa** é uma carta em que Douglas partilha vivências de seu processo de formação e profissionalização entre a filosofia, as artes e a cultura. Pode ser utilizado em uma roda de leitura e conversas sobre racismo e antirracismo, processos de auto formação, amadurecimento e propósito e, em especial, a importância do artista assumir posições na vida política e pública das cidades onde vivem.

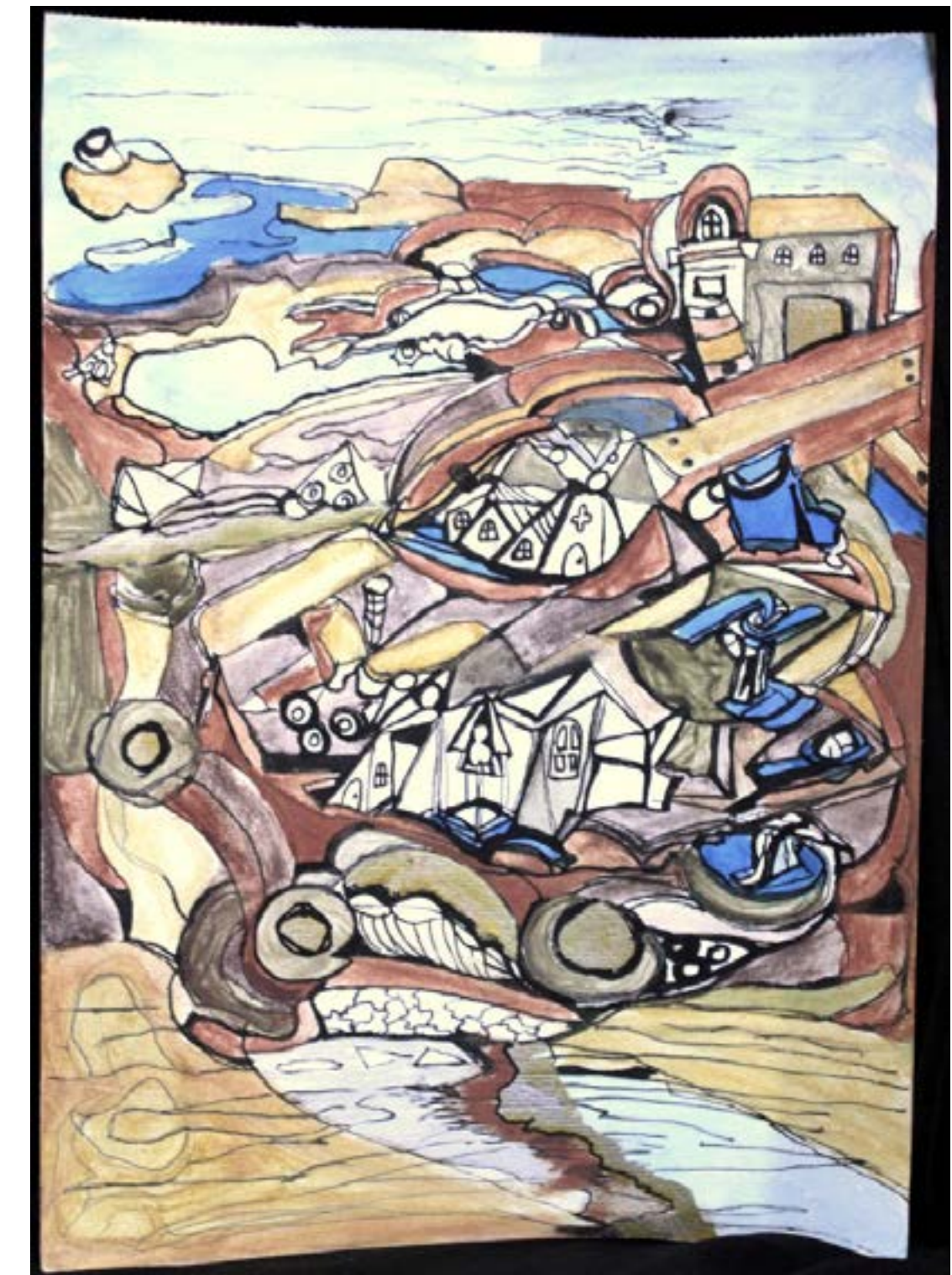
Como forma de avaliação das vivências artísticas realizadas, pode ser interessante que os estudantes conversem sobre suas impressões sobre os impactos nos tempos atuais do fato de o Brasil ter sido uma das colônias portuguesas. Esta atividade pode ser amplificada e envolver também os professores de Literatura, História, Geografia, Filosofia e Estudos Sociais.



Obra produzida durante
a residência



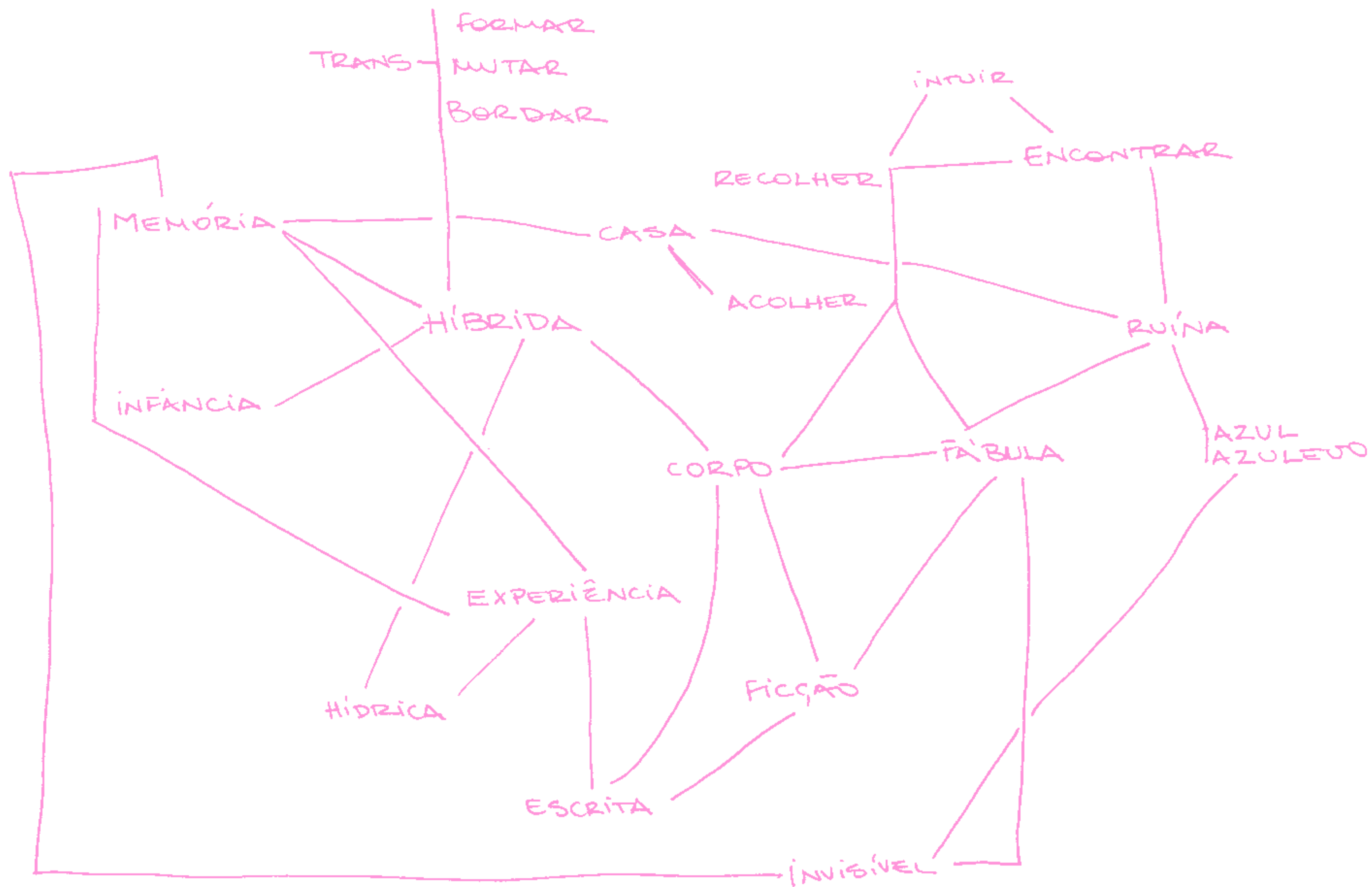
Louvatório com sol



Obra produzida durante a residência

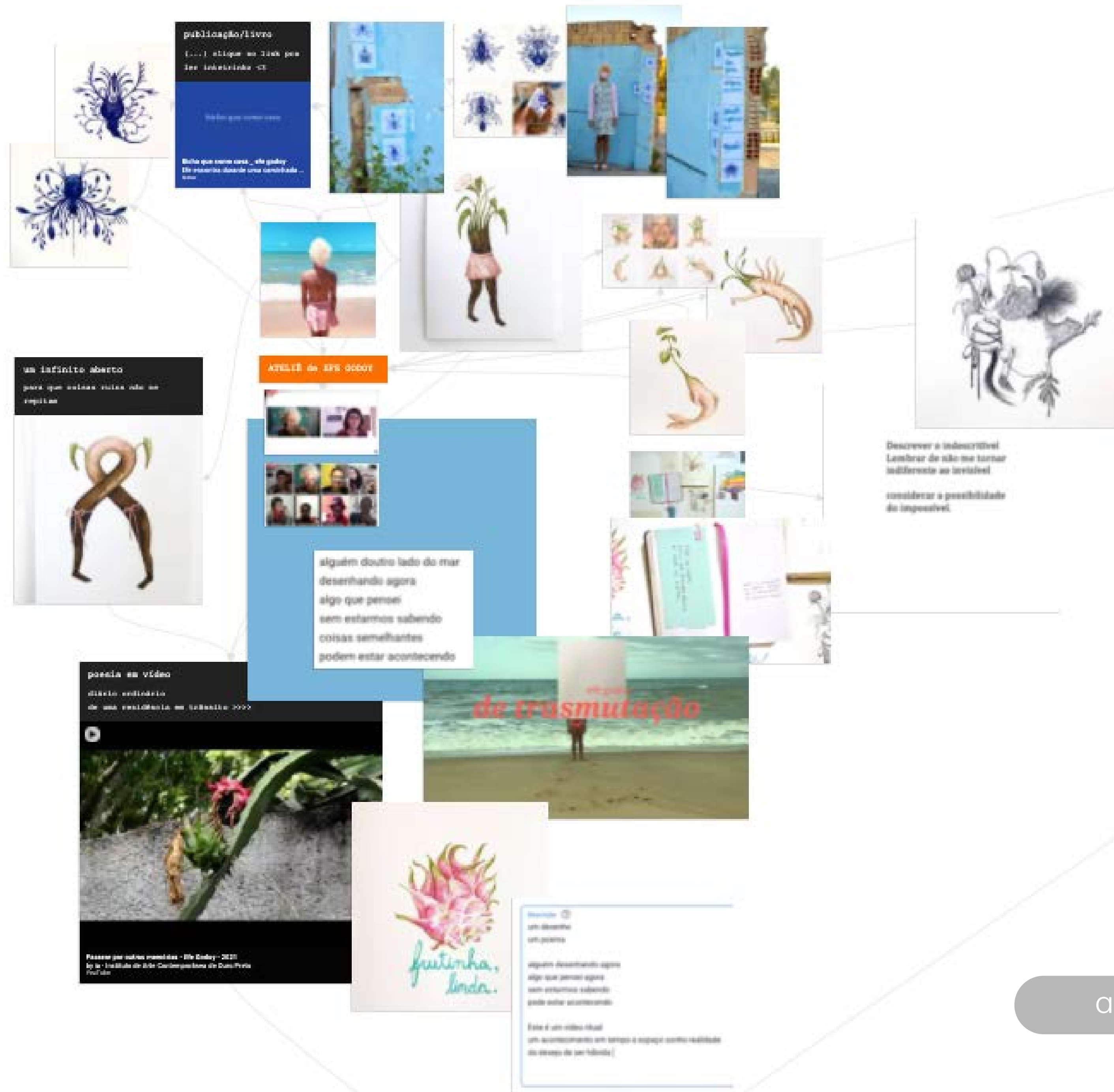
e fe godoy

Ao me abaixar/curvar para ficar do tamanho de que eu já fui, o que eu diria para a criança que existe dentro mim, se eu pudesse conversar com ela agora?





ateliê aberto



acesse o site [aqui](#)

por efe godoy

Me chamo Efe Godoy (estou em processo de mudança de nome na justiça com auxílio de dois advogados, estamos tentando ser a primeira identidade de minas com a neutralidade de gênero) sou uma pessoa Trans Não binária.

Meu nome de batismo é: Felipe Nogueira Godoy.

Nascida em Sete Lagoas

(...)

Julgo importante ressaltar que, neste contexto de pandemia, produzi bastante em ateliê/casa

o que me fez refletir sobre minha atual pesquisa e vida, o hibridismo,

o ser híbrida,

o me entender como ser que circula por vários quereres.

Aqui, então, me disponho a continuar esse percurso e imersão dentro da vontade de

viver como artista hoje e agora.

Nas redes sociais tenho compartilhado, em pequenos vídeos, um pouco da minha fábula vida.

Acredito nesta receita de afeto.

Tenho tido mais tempo para edição e fruição em imagem e movimento.

aqui está minha minibio:

Artista visual míope, com pesquisa em hibridismo de linguagens e fabulações espontâneas.

Efe Godoy com 7 anos de idade recebeu uma leitura de mãos que lhe abriu os olhos para perceber que teria uma trajetória artística em curso, desde então soube que iria desenhar seu caminho fora de sua Natural cidade Sete Lagoas/MG, hoje vive e

trabalha em Belo Horizonte.

Passeou pela Escola Guignard UEMG e continua formação através de vivências em residências no Brasil e exterior. Algumas dessas vivências transformadoras se deram nos últimos anos, como Bolsa Pampulha 2015/2016, a residência artística no EAC-Montevideo_UY em 2018, residência Adelina _SP, 2018, e recentemente : HEMIENCUENTRO _ INSTITUTO HEMISPHERIC NY UNIVERSITY na Cidade do México, 2019, e mostra VERBO de performance Arte na Galeria Vermelho - SP.

De uma maneira simples tenta interferir na vida das pessoas com a reverberação do afeto. Efe interage nas redes sociais estreitando os espaços íntimos de vida e arte.

(...)

um beijo no braço desse abraço

que não podemos dar por hora

até breve

(Trechos da carta enviada por Efe Godoy para a inscrição no *Programa Emergencial de Residência Artística* – iai em janeiro de 2021)

“Bem, a minha pesquisa é flutuante entre os objetos de afeto e suas histórias de criação de seres híbridos. Essas duas vertentes se encontram em uma terceira, que é a narração de histórias, fábulas que se misturam com fragmentos de sonhos e vivências provocadas pela magia dos acasos”. Efe Godoy



Híbridas hídricas



por tainá azeredo

Efe vai ser tudo o que quiser ser. Ela diz.

Assim começamos a conhecê-la, pelo desejo de mudar, de transmutar, de transitar entre um corpo e outro, de hibridar.

Nesse processo ela nos ensina como ser pessoa sendo bicho, como ser bicho sendo casa, como ser casa sendo poesia, como ser poesia sendo ruína, como ser ruína sendo arte, como ser arte sendo vida.

A fronteira arte-vida na prática de Efe é como um mapa sem linhas, não se sabe onde terminam as águas e onde começa o continente. O tempo também é fluido e a infância está impregnada em suas obras. Ela pega a sua criança no colo e conta pra ela os segredos do mundo. Depois, faz perguntas para si mesma e para todas as que ela já foi. Quantas de nós cabem em nós?

Um dia, ela começou uma pintura na parede do quarto; a cada dia a pintura crescia, os papéis se agrupavam e queriam ocupar o espaço todo. A pintura ia ser tudo o que ela quisesse ser. A obra é o território que a Efe governa com maestria. Em cada ação e em cada gesto, incorpora a teatralidade enquanto a própria existência se faz fantasia.

Para construir fábulas a partir das particularidades do seu universo, a partir de suas memórias afetivas, Efe faz possível o invisível. Em um constante exercício de observação, coleta fotos antigas em um mercado de rua, um enfeite na casa da mãe, um tecido da madrinha, um fruto de cacto, cacos de azulejos de uma ruína. Recolhe o sal do mar e palavras soltas ao vento. Olha para os detalhes do cotidiano reconhecendo jóias preciosas e, em suas mãos, qualquer miudeza tem a potência de se transformar em cosmo.

Por estar aberta às surpresas do caminho, Efe soube escutar os pedacinhos de azulejo jogados no terreno baldio de uma casa em demolição, pedindo por mais tempo de existência. Viu partes de insetos em cada um dos contornos azuis impressos nos caquinhos, pintou com o mesmo azul um corpo novo para eles, criou patas e garras e bocas de bichos que comem as casas por dentro. Bichos feitos de casa, feitos de memória, feitos de histórias híbridas.

Em suas obras a artista constrói um repertório do estranhamento que rompe com um olhar homogeneizador condicionado e nos ensina que existem, na transversalidade de corpos e na suspensão de fronteiras, outras possibilidades de compreensão do mundo.

Como se formam as linhas que separam o sonho do acordar?

por valquíria prates

Ao pedir para nos abaixarmos até a altura da criança que já fomos e fazer uma pergunta, Efe Godoy nos desafia a olhar o mundo a partir de outro ponto de vista, considerando diferentes cenários e contextos no tempo e no espaço. Este exercício é mais que uma pergunta, mas uma proposição artística para ser realizada na escola. Um convite para a realização de um exercício de memória e projeção que envolve habilidades de Contextos e práticas da BNCC, numa experimentação que convoca a explorar a história pessoal imaginando um encontro consigo mesmo.

Este recurso se amplia quando a artista faz uma fotografia em que sugere uma vivência de criação: ao solicitar para escrevermos uma carta para nós mesmos, Efe cria contexto para exercitarmos

as habilidades relacionadas aos Processos de Criação da BNCC, ao mesmo tempo em que nos desafia a explorar as materialidades disponíveis para que esta carta seja elaborada. O que queremos dizer para nós mesmos? Que diálogos podemos materializar e tornar visíveis?

Uma leitura coletiva de seu texto em **primeira pessoa** coloca no centro da conversa tanto questões de gênero quanto temas relacionados aos sistemas da arte, além de assinalar um caminho para jovens com interesse pela formação em artes.

Em processos de avaliação de percurso, você pode convocar os estudantes a participarem de exercícios de leitura de imagem, explorando as criaturas fantásticas e os temas da transformação, hibridismo, diversidade e metamorfose.

Bicho que come casa

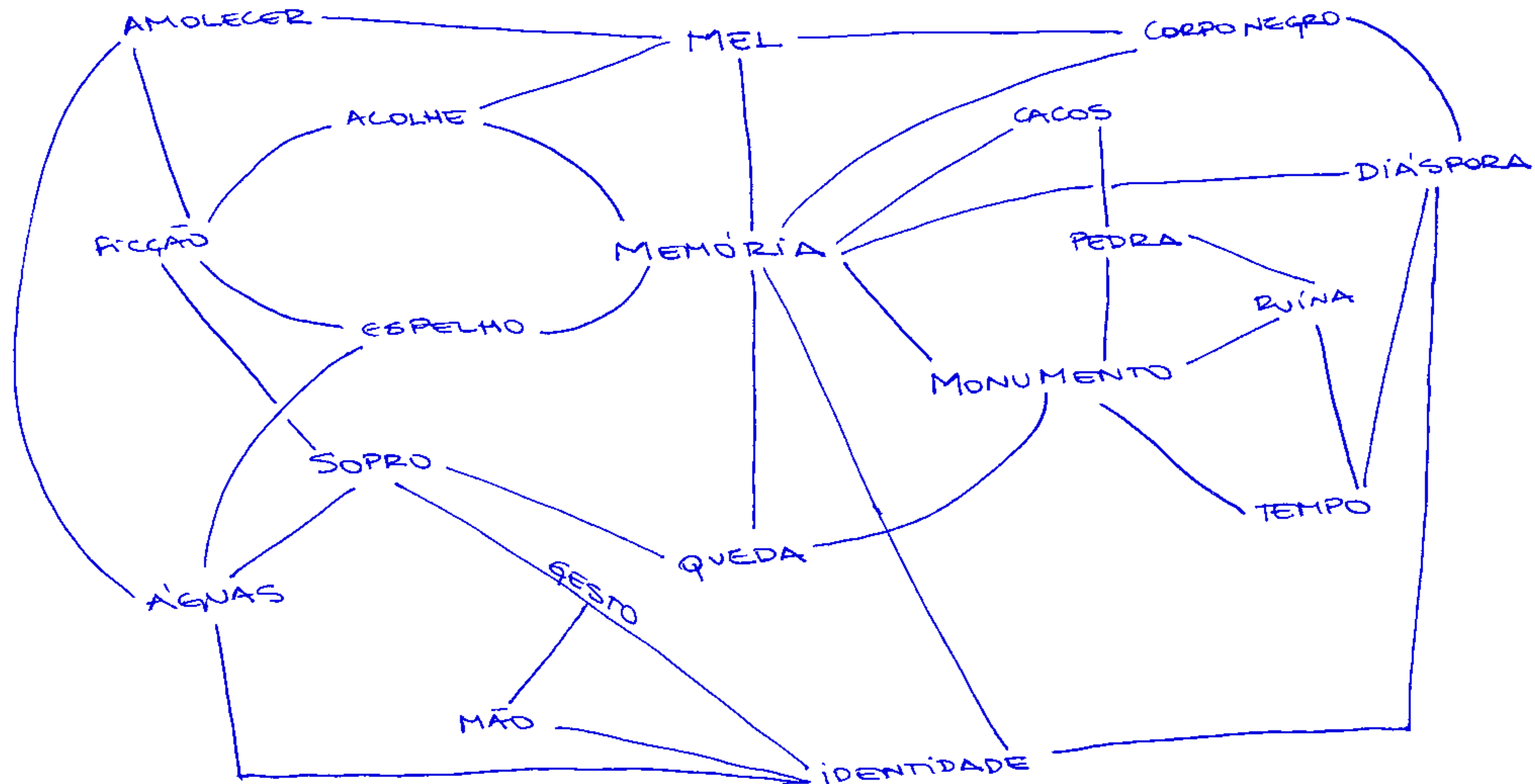


TUDO ME AFETA
DIFÍCIL NÃO PERCEBER BELEZA
NO MUNDO DOS ESTETAS;

VOCÊ É A REUNIÃO
DE VÁRIAS IDADES.
ISSO É SER HÍBRIDA,
HÁ HÍBRIDEZ NISSO.

lucas soares

como tirar palavras daquilo que as apaga?



da poesia das coisas: micropoema de tudo que cabe dentro

Exercício de observação de uma imagem que apaga e transborda. Ativar a memória e nos atentar ao caráter "coisal" de tudo que está ao nosso redor. Quando chamamos algo de coisa, estabelecemos um certo contrato ou vínculo de determinadas qualidades, que talvez não consigamos evocar em palavras, mas que nos permitem identificar aquilo como algo digno de um caráter coisal¹. Partiremos em microinvestigações dessas qualidades. Dentre as tantas coisas do mundo, pensemos aqui em uma borracha escolar. Proponho um conjunto de gestos, tendo como ponto de partida este objeto, assim como a pergunta:

• Como tirar palavras daquilo que as apaga?

1- Encontro

- i) Começamos com um encontro com a coisa. Peçamos que cada aluno nos apresente sua borracha. Qual o seu peso? Seu cheiro? Sua temperatura? Qual foi a última coisa apagada por ela? O que acontece quando ela acaba? Quais outras funções esse objeto poderia ter no ambiente em que nos encontramos?
- ii) Movemo-nos a pensar em sua forma. Apaguemos uma folha de papel preto com a borracha, utilizando-a ao máximo. Em seguida, tentemos produzir uma imagem (desenho, palavra/texto, forma, composição) com os farelos que sobraram da ação sobre o papel. Após o gesto, levemos o papel, cuidadosamente, para alguma área externa da escola. Sopremos o papel o mais forte possível para a paisagem.

2- Marcação (o meu desejo é o seu desejo)

- i) Partimos aqui para fixar um desejo que não se apague. Após distribuir uma unidade de borracha para cada aluno, peçamos que coloquem em sua superfície momentos que nunca gostariam de esquecer. A partir dessa provocação, juntemos novamente todas as borrachas pensando no encontro desses momentos em cadeia e composição. Propomos aos alunos a construção de uma "teia de momentos", semelhantes a uma prática de poema dadaísta², onde se juntem os pequenos fragmentos de desejo em estado de constelação.
- ii) Após a centelha de desejo, espalhemos as brasas. Convidemos os alunos para sair das fronteiras da sala de aula e distribuir borrachas para as pessoas que encontrarem pela escola (alunos, professores, funcionários, visitantes) propondo que escrevam em sua superfície momentos que nunca gostariam de esquecer.
- iii) Após o exercício de relação, propomos a produção de uma instalação com as coisas (borrachas, histórias, momentos, desejos) no pátio ou área de convivência da escola. Deixemos ao lado da instalação uma caixa com borrachas limpas e uma caneta. E então dizemos: "o meu desejo é o seu desejo"³.

¹ A partir das noções de "construir/habitar" e "coisa" trazidas por Martin Heidegger. Em "A questão da coisa", o filósofo estabelece a princípio três graus dessa fronteira do que classificamos enquanto coisa: a) Chamamos coisa a tudo que está concretamente ao nosso alcance; b) Chamamos coisa também às resoluções, convicções, planos, feitos, modo de pensar, etc.; c) Chamamos coisa ainda a todas as coisas, no sentido de tudo aquilo que seja algo e não nada.

² Poema Dadá: Pegue um escrito e recorte suas palavras, misture-as em um saco, chacoalhe-o e escolha os fragmentos pela força do acaso.

³ Referência de uma obra de Rivane Neuenschwander, intitulada "Eu desejo é o seu desejo" (2013).

ATHLETE: **Dr. LUCAS BOARDS**

DE GRÊS DO JARDIM

É aí que encontramos as primeiras dobras. Em dezembro de 2020, após uma intensa semana de reuniões na cidade de Juiz de Fora (RJ), um convite – isolado, mesmo – foi desenvolvido na pequena Estância Carlos, baseada no sítio no momento vazia de moradores e empregados. Lábil Mesquita Macanilha, 32, quando o vento nordestino, cheio de esperança, foi recebido uma colônia de abelhas em atividade, assim como uma quantidade de mel que parecia uma um promessa de trabalho durante de semanas em pedras e fumaça o corpo se afundou em que parecia. Então a imaginação entre três momentos. A queda seguida de fragmentação, o momento em que o sítio e a banca de mel.

- ateliê aberto

Marcar (para firmar as notas)



Marcelo para tomar su café
 by [by an - Instituto de Arte Contemporáneo de Lima Perú](#)
 7x11.4m

1146 JOURNAL OF

Animal de cortesia, eu não entou no mar (3)

pequeña por la noche ...

[illegible]

Trincheiras, presentes nas pedras de breia. Refletem aquelas condições sociais locais "barba breia" encontradas nas cidades, envelhecidas, muitas vezes, pela ausência das linhas de pontos que, ao longo, mostram as pílulas de metal e produzem texturas misteriosas.

Atatürk Enstitüsü
Tuzluköy, 2011.

Fragmentation des piliers
des connaissances

© 1994 by W. H. Freeman & Co.

pedra bruta

A companhia Thibault Bernarda Monneretnas abre suas portas para produção em 1988.
Especificamente, no mês de 1989, alguns dias após a "celebração da emancipação". Os programas no arquivo municipal de Pindamonhangaba Lago, pararam no Faria em relação a ela. Documentais sobre a produção. Tanto a que municipal foram documentais sobre os projetos de tombamento do conjunto arquitetônico da antiga companhia. No fim das coisas, a que sobre as comemorações; aquisição da decoração, arquitetura e ambiente.

Plenariedade em sessão
Transmissão = sobreposição das sessões da Lei
2.208 e da proposta de emenda e o arquivo
Bernardo Guimarães

E a última margem como se estivessem levando a alma desperta para lá. Então descansem. Depois de um descansem aí sempre chegou ao dever de minha avó. Depois do, ao dever avó. Depois do, ao dever mantiga. Foi depois do, que uma divina veio ao fim do momento de Bernardo Manóvilhos. E logo ali, dentro dela, tinha um colmo de abelhas em plena atividade. E logo ali, fora, havia um líquido dentro que me fez um deus das pedras que estavam na praia e vacilavam as destinas, que parecia transformar as coisas mas em um vidro translúcido alaranjado, refletido como um sol de fim de tarde, que empurrou a gente em um dia novo e um esperança. E quando o vento caubiano, mudou de uma virada para o contrário. Em um bilhete que era fácil ler e que não conseguíamos ler. E levantamos eles para a rua e caminhávamos na rua. Com a gente, a patineta e os cabelos abrigados comendo com a gente. Então lá reparação, de uma prova, de minha vida. Quêz então esse momento e dizer que não deveria está entre nós, se não fosse viciado e apaixonado, um livro de amor, que não de minha vida para a sua, dizendo que, aquela pedra tinha nel.

Naquela pedra tinha nel
Canta-ventagem
2011

NAQUELA PEDRA TINHA MEL

Estou com os pés queimados. O sol foi uma grande forma de testemunho para aquele momento. Meio-dia. Algumas pessoas fazendo horário de almoço, outras comento a gaseado. Uma mulher varre a grama enquanto conversa pelo celular. Suas crianças brincam com sua mãe ou mãe de pombo. Dois homens se banham em uma torradeira quebrada. Algumas pessoas dormem em uma cabana improvisada. Um casal conversa comendo um Pão-de-áçúcar. Muitas pessoas passaram. E continuam a passar, mesmo agora, enquanto compartilham esta mesma voz. Eu precisava estar desolado, tocar o chão, afundar meu corpo com o que aliado daquele lugar. Tudo que tinha era teórica, pequenos fragmentos de um currículo. Acredito que nos encontramos entre os arcos do céu e do mar, interligados de maneira direta ou não por meio de gestos. E o teto de tudo isso é o limite mais próximo da porta fechada. Limpada? Janela aberta. Ainda sinto um leve incomodo nos pés. E está tudo bem.

Mayotte joins Indonesia

by A. Sautou de La Chapelle and J. C. Pons
Paris, France

primeira pessoa

Eu não sei, mas eu queria tanto achar eles!

Juiz de Fora, 30 de outubro de 2020.

Te escrevo essas palavras como uma forma de busca. Sabe, não vou mentir pra você não, mas às vezes encontro uma foto aqui em casa e os meus olhos enchem d'água. Sinto como se tudo o que não sei, de alguma maneira, me liga a você e a frase que você compartilhou naquele momento comigo. E a gente desconhece tantas coisas, não é? De vez em quando, eu gosto de pensar nessas situações que não temos conhecimento, mas que, de alguma maneira, tocam a gente lá dentro. Em um destes dias, encontrei uma lata de biscoitos antiga com um monte de fotos de parentes e de pessoas que nunca vi e não sei quem são. Em uma delas tinha uma mulher com dois meninos, debruçados em um muro, esperando o vento passar. Aquilo me emocionou tanto. A mão daquela moça envolvia de maneira calorosa aqueles garotos, que pareciam não querer muito tirar aquela foto, mas estavam ali presentes. Fico pensando que como mãe você deve se sentir da mesma forma, mesmo estando ou não de maneira física com seus filhos. Nossos laços são uma coisa tão forte. Acho que estão além de qualquer compreensão, distância ou tempo. Sempre imaginei que esses mesmos laços eram como um crochê, sabe? Em que a linha da agulha começa a se entrelaçar nela mesma e cria uma rede, dando voltas e mais voltas. No crochê, para terminar um ponto e seguir para o próximo, é preciso voltar àqueles que já foram feitos. E nas entrelinhas desses enlaces, acredito que aconteçam encontros, como aqui, agora. Me lembro enquanto escrevo da passagem de um texto de uma escritora que gosto muito — não sei se você conhece — chamada Conceição Evaristo, que dizia: "Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro. Meu leite jorra para o alimento de meu filho e de filhos alheios. Quero contagiar de esperanças outras bocas". Acredito que, às vezes, o gosto amargo do metal, assim como o do café, desaparece da nossa boca, nos fazendo lembrar o quanto a vida é doce. O que não quer dizer que as coisas estão boas do jeito que são. As marcas que carregamos estão aí para nos mostrar isso. Mas acho também que essas mesmas marcas nos permitem esse contato um com o outro. Bom, foram essas as palavras que eu senti quando te ouvi. Queria que soubesse o quanto sua voz me marcou. Como ficaria feliz de saber que você, assim como no crochê, conseguiu encontrar o ponto anterior, para então continuar tecendo e construindo esses laços.

Desejo de coração que encontre seus filhos.

Lucas.

por lucas soares

Há algum tempo, tenho como desejo de investigação a ideia de monumento e de pensar em horizontalidades, inspirada pela frase "A gente pega na pedra e entrega na chave". Sobre essa noção de monumento, não falo apenas do escultórico (embora me desperte questionamentos), mas da construção de imagens, símbolos, situações e hábitos que apresentam uma "lógica monumental". A palavra moneo, que, em latim, deriva de advertir, apresenta-se tanto no sentido de despertar quanto no de cobrar atenção (evidenciar). Acredito que se formos capazes de compreender a construção de um monumento como um dispositivo de representação e manutenção de poder imposto por práticas coloniais, podemos relacionar tais fatores com as manutenções dos espaços, das dinâmicas de pertencimento e construção de lugar, dos processos históricos e das relações de trabalho.

Essas pesquisas surgem a partir de um incômodo que sempre tive ao passar por um monumento dedicado ao empreendedor têxtil e escravocrata Bernardo Mascarenhas, localizado na praça Antônio Carlos, em Juiz de Fora (MG). Esse desconforto tomou corpo em palavras e acabou se transformando em minha pesquisa de mestrado, na qual busco possíveis ações e operações frente a este e outros pedaços de pedra envelhecidas e anacrônicas presentes nos espaços públicos. Pensar nessas formas – desde

as verticalidades das estátuas a manifestação de situações e objetos banais – e nos seus posicionamentos, nos permite chegar ao encontro do outro. Nessa perspectiva, acredito que as chaves para percepções outras passa a ser um contato de subjetivação dessas memórias coletivas a partir de uma afirmação de uma negridade em diáspora.

Durante a pandemia se faz presente a dificuldade de me aproveitar da casualidade de materialidades e encontros pelo caminho que faço, de um espaço de trabalho e local físico para experimentação e produção. Acredito que em maior ou menor escala para todxs, essas mudanças redirecionam alguns modos de se fazer. Venho pensando em uma noção de uso dos espaços a partir de situações esporádicas entre o dentro e o fora, a rua e a casa, o arquivo e o registro, o físico e o virtual. O não-estar pode ser pensado enquanto uma forma de contra-usar?

Como pensar/propor práticas, gestos e relações entre as pessoas quando devemos manter o distanciamento social? Como produzir pequenas ressonâncias ou movências nos espaços(sejam estes arquitetônicos, psicológicos, oníricos, históricos, sociais, etc.)? Não sei; mas acredito que os usos contra estes espaços e carregos coloniais podem possibilitar a abertura de caminhos para compartilhamentos de visões e modos de vida que envolvem um corpo coletivo, insurgindo uma forma de expansão.

(Trechos da carta enviada por Lucas Soares para a inscrição no Programa Emergencial de Residência Artística – iai em janeiro de 2021)



Imagem do vídeo *Tumbeiros*

por tainá azeredo

Lucas chegou aqui com uma história na bagagem, contava sobre um monumento em homenagem a um escravocrata, erguido em uma praça a poucos metros do edifício que o mesmo personagem construiu. Na parte debaixo do monumento, um fiel escravo sustenta a sua figura. Essa história poderia pertencer a uma infinidade de praças.

O edifício é uma fábrica têxtil, fundada pelo mesmo escravocrata, no ano da aprovação da lei áurea, e foi responsável por empregar precariamente centenas de mulheres. Até agora não existe acaso nessa história que o artista conta, existe uma narrativa repetida, fundamentada na opressão e em um conjunto de forças e tensões que marcam o racismo estrutural e os processos violentos nas relações de trabalho. O acaso ainda estaria por vir.

No olhar de Lucas, onde os restos do cotidiano são material poético, o acaso é sina.

Ele conta que sobre a cabeça desse monumento caiu uma árvore, fraturando a sua verticalidade imperativa, quebrando em pedaços a distância simbólica imposta, separando o tronco dos braços, deitando-o no chão de onde pôde ver, ao seu lado, o escravo, intacto. A árvore fez a reparação histórica que as autoridades não se atreveram.

Entre os cacos espalhados no chão, sustentando os corpos fragmentados, escorreu de dentro do pedestal um líquido

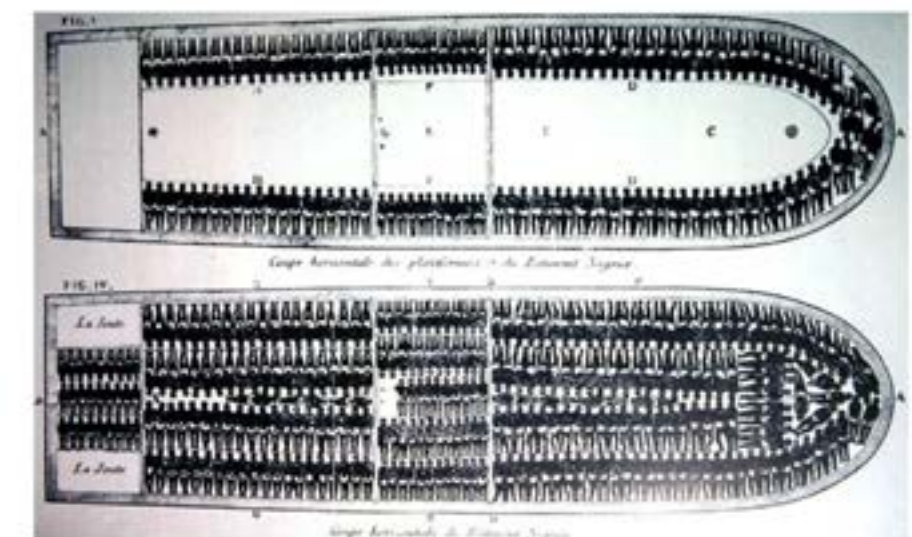
dourado. Na queda, uma fenda abriu o caminho para uma antiga colmeia de abelhas, e, como ouro escorrendo de dentro da pedra, o mel jorrou em homenagem a todas as operárias. Adoçou as bocas da praça e deu ao Lucas o disparador da sua pesquisa.

Mas quem viu o mel escorrer? Será isso um exercício de ficção? Um sopro em nossos ouvidos de um desejo de futuro? Uma reconstrução da memória coletiva através da narração de acontecimentos reais? A dúvida é o nosso mel, é o que alimenta e adoça a prática do artista que acompanhamos.

Nesse cenário que é ao mesmo tempo desastre e festim, Lucas recolheu da praça os cacos que cabiam na palma de sua mão e os transportou para o ateliê. Agora os fragmentos da história se encontram ali e constroem um jogo de espelhamento entre os navios negreiros que atravessaram as águas do Atlântico e o edifício da Companhia Têxtil Ricardo Mascarenhas. O artista propõe um diálogo entre as memórias afro-diaspóricas e as identidades forjadas por uma repetição das imagens que vemos no espaço público.

Entre desenhos, tecidos pirografados com textos e imagens, impressões em pedras, vídeos e textos, Lucas devolve o gesto escultórico para a praça, seu lugar de partida. Dispõe, ao redor do pedestal, os estilhaços sobre pequenos espelhos que refletem o azul e fazem o céu descer pro chão.

Céu na queda vira mar. Para onde navegam os retalhos da história?



por valquíria prates

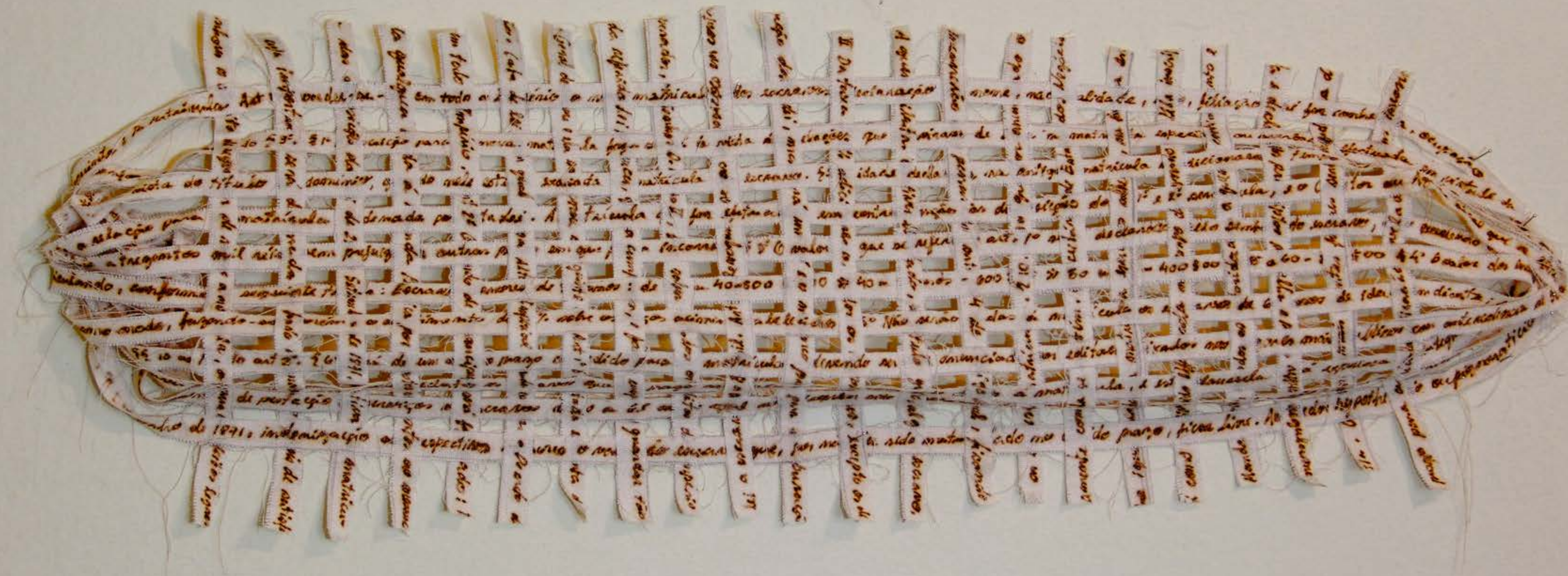
Em *Da poesia das coisas: micropoema de tudo que cabe dentro*, Lucas Soares propõe uma vivência de criação em artes, encadeando uma sequência de experimentações poéticas que envolve gestos de:

- experimentação de **materiais** e **espaços**
- investigação de **sentidos** e **memórias**
- aproximação e **convocatória de participação** de outras pessoas.

A pergunta compartilhada pelo artista em todas as etapas de sua proposta é *"Como tirar palavras daquilo que as apaga?"*. Para refletir com a turma a partir desta questão, você pode estimular que ocorram conversas sobre tradução, interpretação e comunicação. Organizar pequenos grupos de trabalho

pode ser uma contribuição importante para possibilitar que os estudantes tenham mais tempo para conversar sobre memória e arquivos pessoais, especialmente se puderem se reunir em torno dos textos em **primeiro pessoa** escritos pelo artista, que narra tanto episódios autobiográficos relacionados à sua ancestralidade quanto seus caminhos nos estudos e profissionalização nas artes.

O conjunto de propostas, obras e textos do artista pode ser utilizado para realizar vivências que ampliem as habilidades relacionadas aos processos de criação, materialidades e matrizes estéticas e culturais. Além disso, o conjunto de obras do artista pode ser explorado em rodas de leitura e interpretação, como forma de experimentar as habilidades de contextos e práticas.



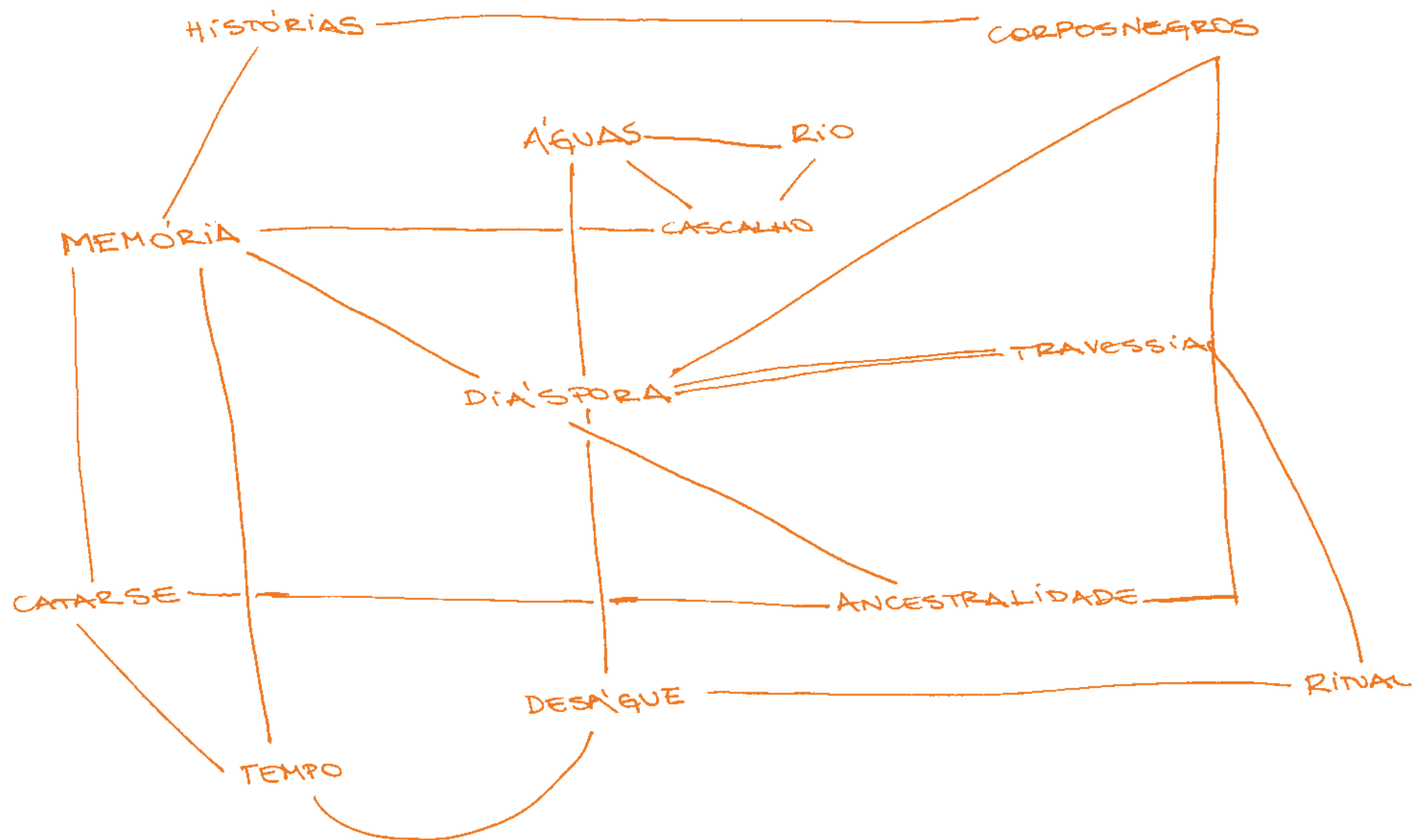
Parte da obra Projeto Mascarenhas



Imagem do vídeo
Tumbeiros

massuelen cristina

Como você vê o mundo daqui a 5 anos?



cápsula do tempo - registro da memória

O projeto é norteado pela pergunta 'Como você vê o mundo daqui a 5 anos?'.

Partindo da constatação de que estamos passando por um momento importante para nossa história e as mudanças estão acontecendo com certa velocidade, é importante refletirmos sobre essas questões de forma mais leve e trazer essa perspectiva também para as crianças.

Essa proposição nasce como uma forma de proporcionar algumas atividades às filhas e aos filhos e às mães e aos pais que neste momento têm que lidar com o ensino em casa.

A Cápsula do tempo é uma forma de lembrar e documentar este período de distanciamento social e de tantas mudanças, um veículo para desabafar as angústias, medos e incertezas sobre o futuro.

A Cápsula reúne novos significados sobre esse momento histórico pelo qual o mundo está passando. É importante documentar, guardar e abrir este material daqui a alguns anos, para lembrar de detalhes que provavelmente não guardaremos tão frescos na memória. Consiste na elaboração e organização de uma série de perguntas e exercícios que incluem anotar o preço de alguns itens básicos, fazer desenhos, colagens, separar fotos e registrar novas imagens que exemplificam as mudanças observadas na comunidade, objetivo de vida pós-pandemia, aprendizados que não podem ser esquecidos.

Instruções para fazer uma Cápsula do Tempo.

Do meu eu presente para o meu eu futuro:

- 1- Durante duas semanas guarde tudo que você receber quando for à rua: notas fiscais, folhetos, papéis de pão, etc.
- 2- Fotografe tudo que você queira lembrar da sua casa nesse momento, seus lugares favoritos e seus objetos mais preciosos.
- 3- Escreva uma carta para alguém importante.
- 4 - Separe notícias nos jornais e revistas (coisas que você acha que precisa lembrar)
- 5 - Faça um desenho.
- 6 - Selecione um objeto que possa compor suas memórias.
- 7 - Tire uma foto sua e guarde junto com as demais.
- 8- Convide mais gente para criar cápsulas do tempo com você.
- 9- Junte tudo isso em uma caixa que seja resistente ao tempo (como por exemplo uma caixa de madeira) e ache um lugar especial para guardar ou enterrar.
- 10- Faça um mapa para nunca se esquecer e divirta-se.

ateliê aberto

ATELIÊ de MAGGELLEN CRISTINA



CARTA AO DESCONHECIDO

Salvador, ____ março de 2021

Ade que aqui chegamos,

Eu sei muito bem como te sentir sobre esses dias, mas me sinto entusiasmada. Te conto forma sinto que conheci um lugar, mas ainda não. Se for para pra pensar nas angústias do dia, não desistam e incertezas se vão passar, pois bem aqui é que acontece.

Tudo tudo se move, mas me sinto, sinto que não para além de mim, não muito longe de falar e tudo que energia. Será que não querendo desistir?

Meu desejo não mudou, talvez por isso o tempo seja tão pequeno em muitos anos, talvez por isso.

Ah, não quero te esquecer, mas é que sinto que tenho que pensar sobre o que estamos fazendo aqui. Se você não pela janela uma testolina feita de madeira como tudo vai ser.

Eu sei também o que é o tempo lento que acontece para descobrir minha realidade, buscando..

Tenho pequenas rituais pessoais, como usar roupas confortáveis pelo menos uma vez na semana. Quando não consigo mais não faço questão de entregar todos os livros de autoajuda na rua, mas aposto não sei se a todos os anos, quando não muda de escola não quero mais lá, estava assim.

A propósito eu acho me sinto mais tempo passado, não que não quero de que estamos tentando nos encontrar artisticamente com propósito de criação do artista sozinho e isolado em um ateliê, como viver um instante só?

Recentemente estou disposta, tenho muitas questões que passaram e ficaram por aqui mesmo algumas dias.

Por fim, eu não, te escrevo pra pensar, em que lugar você quer estar e quem você quer ser e para além o que você tem feito para chegar lá e o que você está disposto a desistir de chegar lá, não te desistam, as possibilidades e quando chegar lá haverá mais possibilidades, o tempo que estou aqui é te escrever, olhando para a janela e vendo já não de repente não eu não quero, não posso imaginar além, que não agora.

Por fim, não sei mas penso a ser sempre, eu quero te chamar um dia para vir aqui, tanto eu não ; não tem nada e um dia vou te contar uma história, que não quero ter que algo mais que não ; eu vivo por uma expectativa. Obrigada pelo tempo e pelo não tempo, sei que tudo te deixar copiar uma história de ser o mundo, não já.

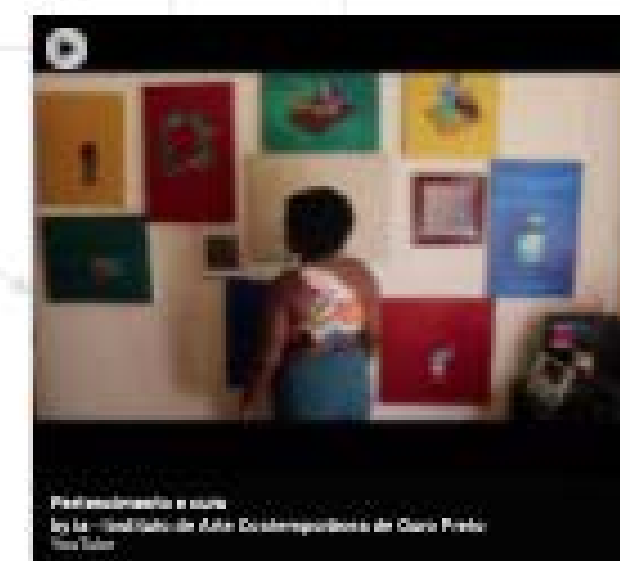
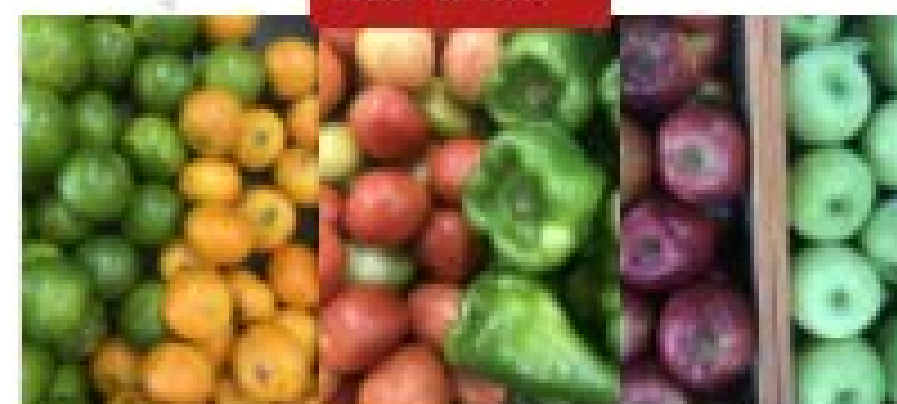
Com amor, eu.

Tudo construído de nossa vida pessoal na obra.
by la -Unidade de Arte Contemporânea de Ouro Preto
You Tube

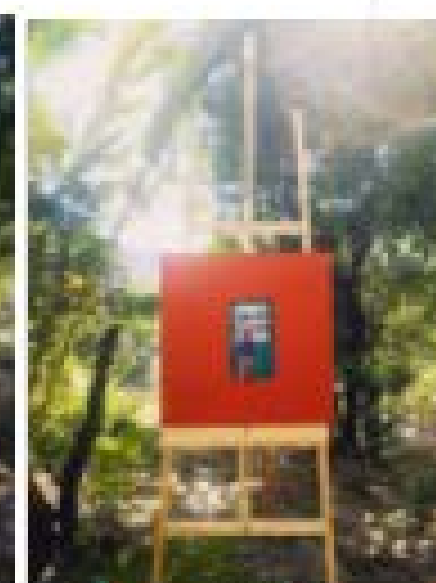
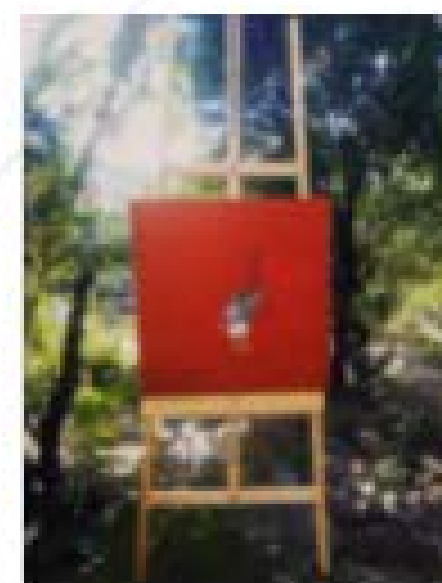
Corpo deságua

Tenho que começar a um sentimento que vem de dentro para fora.
Tenho a água
ondas, tempestades,
movimentos, mudanças,
ondas, ondas de
água de não o
lugar e o não lugar
das minhas
vivências. Eu
destaques as
memórias,
sensibilidades e
espiritualidades no
percurso por aquilo
que a água
nacional não
consegue.
Mas quem controla a
corrente d'água?

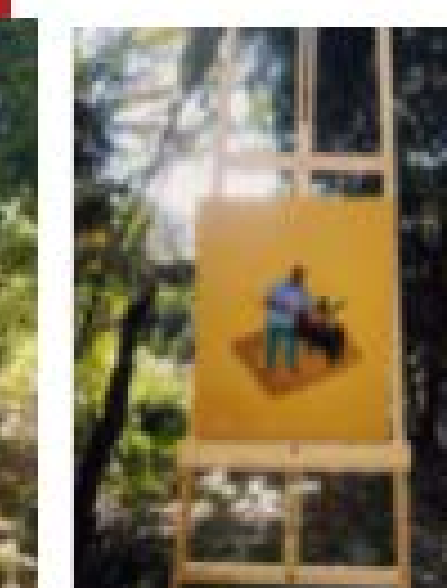
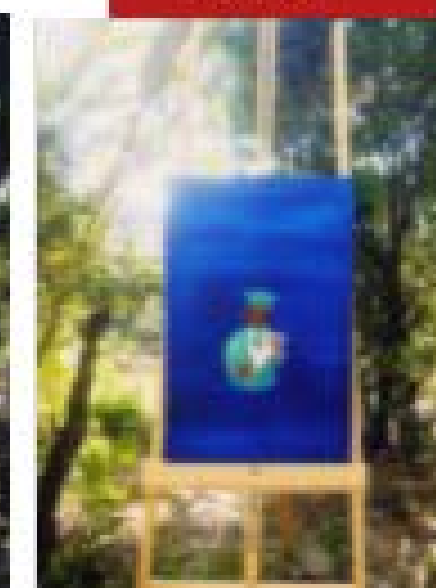
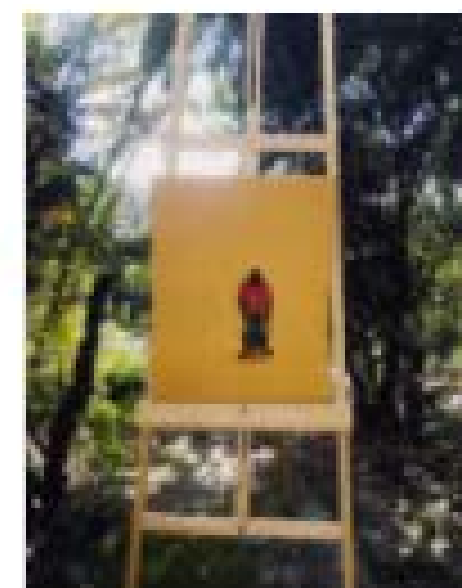
Estudo de cores



Permanência e cura
by la -Unidade de Arte Contemporânea de Ouro Preto
You Tube



ABRIL 2021



acesse o site [aqui](#)

por massuelen cristina

Meu nome é Massuelen Cristina. Sou Artista Visual. Me graduei enquanto Bacharel em Psicologia e, desde a faculdade, trabalho com a população em vulnerabilidade social, principalmente população em situação de rua em Belo Horizonte (MG). Esse trabalho me fez abrir meu olhar sobre as pessoas e a maneira como nos colocamos no mundo.

Posteriormente, senti que a graduação não me contemplava como um todo e como já tinha um contato artístico desde nova com a música e a pintura procurei uma nova formação. Me formei assim como Artista Visual no primeiro curso técnico de Artes Visuais de Minas Gerais, por meio do programa CICALT/MG.

Hoje me entendo nesse lugar enquanto artista e vejo minha graduação em Psicologia como complemento para o entendimento de minha trajetória e das minhas obras como um todo. Meu trabalho artístico perpassa várias linguagens das Artes Visuais, principalmente fotografia, vídeo e performance. Exploro as diferentes formas de ver, ser e estar no mundo ocupando espaços.

Adepta das técnicas de aquarela para me expressar na pintura e do uso alternativo de elementos naturais para construção de desenhos e grafismos, minha pesquisa gira em torno da corporeidade e da catarse através da arte, onde busco demonstrar, por meio de signos e significados as escrevências, memórias e oralidades que permeiam minha ancestralidade.

Diante dessa vivência em tempos de pandemia, foi necessário revisitar meus trabalhos e ressignificar minha dinâmica de produção artística. Entendendo que me habituar a esse novo tempo não poderia ocorrer de forma a pressionar minha produção, mas sim de entender os espaços nos quais minha arte caberia estar, dei continuidade a minha pesquisa sobre a catarse na arte, absorvendo esse expurgo mental por meio do contato com a obra que, a partir desse momento, se daria de modo virtual.

Foi então criando uma série de vídeos e fotos performances que expressei toda essa vivência da criação em isolamento, dando sentido prático a minha pesquisa sobre a catarse". Massuelen Cristina

"O trabalho de pesquisa que venho desenvolvendo se entrelaça com a pergunta: como essa nova realidade pode evidenciar territórios invisíveis e contribuir para uma discussão decolonial, através de práticas artísticas atravessadas por questões sociais e políticas?

Em meio à atual conjuntura percebi o vídeo como uma forma de expressão artística que facilita o acesso à arte, pela sua facilidade de processamento e de estar em diversos ambientes e chegar em diferentes pessoas ao mesmo tempo.

Tenho desenvolvido com meu coletivo de produção (Corporeidade - coletivo de produção artística) dois trabalhos artísticos que visam o resgate da memória e do patrimônio imaterial como fonte de conhecimento e perpetuação artística e histórica do povo negro em diáspora.

(Trechos da carta enviada por Massuelen Cristina para a inscrição no Programa Emergencial de Residência Artística – iai em janeiro de 2021)



Massuelen Cristina em seu ateliê

por tainá azeredo

Muita gente deve ter em casa uma caixa de sapatos onde moram as memórias. Nela podemos encontrar pequenos bibelôs, uma lembrancinha de nascimento, moedas antigas, alguns cartões de natal ou cartas nunca enviadas. Também é comum encontrar nessas caixas fotos soltas, sem álbum, que colocam lado a lado gerações que talvez nunca tenham se encontrado.

Esses detalhes, que vão se juntando como um jogo de acasos, quando compartilham uma mesma temporalidade são capazes de contar muitos dos segredos perdidos nos silêncios do passado. Só ali, nesse encontro inesperado, é possível enxergar as ausências que compõem cada narrativa presente.

Acompanhar a prática da Massuelen é como abrir uma dessas caixas de memórias, um arquivo pessoal, escondido no armário, que veio parar em nossa mesa. Da caixa que ela abre para nós saem imagens de família, vozes caladas, histórias não contadas.

De dentro da caixa, também corre um rio. Rio que atravessa Sabará, que seca, que invade, que alimenta, rio de seus antepassados, de mãos que buscaram na pedra de seixo rolado das águas o material para edificar as suas casas. A casa que a artista guarda na memória é feita de água que se molda às margens, que molha a terra e faz crescer mata onde antes era só cascalho.

Como o desaguar de um rio no outro, Massuelen trabalha com um corpo que transborda seus limites e que é ao mesmo tempo íntimo e coletivo. Em seus trabalhos, a artista revela a sua ancestralidade e faz as imagens familiares escoarem para dentro de pinturas, vídeos, cartas e autorretratos, evidenciando o corpo negro como a voz que deve narrar a história silenciada pelo colonialismo.

A escolha dos elementos e das cores presentes em suas obras partem da mesma observação atenta que ela tem ao abrir as caixas da memória. O almoço rosa de domingo na casa da avó, a taioba verde que chega de presente, as pedras marrons da rua sem asfalto, a perspectiva cinza da ponte, a fonte azul de água pública, o vermelho-amarelo-ocre-laranja do feirante na quarta-feira. De tudo o que observa, Massuelen entorna para dentro da pesquisa. O seu percurso é água de enxurrada, carrega na corredeira tudo que está estancado no caminho e movimenta o passado para desvelar o que foi apagado.

O que revelam suas ausências quando o dilúvio acaba?

por valquíria prates

Criar uma cápsula do tempo: esta é a proposta de Massuelen Cristina. Ela pergunta a estudantes e professores como todos imaginam que o mundo será daqui a cinco anos, partindo do impacto vivenciado por todos nós pela pandemia da Covid-19. O interesse da artista em imaginar futuros possíveis como decorrência do presente é recorrente na história da arte.

Ao propor dez exercícios, a artista convida a comunidade escolar a explorar as habilidades de Materialidades, Elementos da Linguagem das artes visuais e Processos de Criação da BNCC por meio das práticas de fotografar, escrever e desenhar.

Ao fazer a reunião de objetos e tudo o que foi produzido em uma caixa e enterrá-la ou guardá-la em algum lugar especial, Massuelen apresenta aos estudantes a possibilidade de endereçar um conjunto de registros e ideias para si mesmo ou para outras pessoas no futuro, como se fosse possível "comprimir" narrativas visuais, materiais ou textuais em uma simples caixa.

Uma possibilidade de abordagem de narrativas autobiográficas da artista pode ser a aproximação de seus vídeos e fotografias reunidos neste material, buscando elementos de seu percurso na vida e nas artes no texto escrito em **primeira pessoa**.



Abayomis





Massuelen Cristina com Abayomi

escolas podem ser centros culturais:

as aulas de artes como programação de arte e cultura

por valquíria prates

Escolas são os únicos centros culturais que existem em muitas cidades brasileiras.

Nelas, pelas palavras e ações de professoras.es de diferentes disciplinas, estudantes de todo o país passam por processos de mediação cultural das artes, das linguagens e das ciências, preparando seus caminhos para sonhar futuros a partir do presente pautado em narrativas de processos históricos e cenários constantemente atravessados por mudanças. Em tempos de buscas por alternativas para a transformação de contextos pedagógicos e reformas estruturais, as artes resistem nas escolas como uma espécie de "*transdisciplina*" que integra o componente de linguagens da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Nas artes visuais, o convite nacional da base para as escolas de todo o país é que professores e estudantes busquem desenvolver saberes e interesses artísticos capazes de nutrir todas as áreas e conhecimentos presentes na educação formal, estimulando a valorização do patrimônio, o posicionamento crítico e a articulação de diferentes visões de mundo no amplo exercício do diálogo.

O reconhecimento da aula de artes como campo de trabalho de preparação para a vida constitui uma condição essencial para o desenvolvimento de projetos que possam estimular uma ampliação dos repertórios criativos do grupo. Esse importante elemento que integra o capital cultural de cada pessoa se consolida na medida em que investimos nas vivências e aprendizagens e a partir desta ideia eu gostaria de partilhar alguns dos posicionamentos presentes nas intenções que permearam a construção de cada página desta publicação.

Interessa definir aqui um ponto de partida para refletirmos juntas.os: nosso entendimento da palavra "repertório" carrega a ideia de que toda pessoa se

constitui com um conjunto de saberes e conhecimentos em constante expansão. O acesso a estes elementos costuma ocorrer na escola pelo menos de duas formas: por meio de experiências baseadas em acesso a informações ou por meio de vivências de acontecimentos.

Em ambos os casos, tanto a educação quanto as artes, conjugadas em processos artístico-pedagógicos, desenvolveram e acumularam "tecnologias" de desenvolvimento de repertórios, sejam eles teóricos ou práticos. Essas tecnologias dizem respeito a um conjunto de conhecimentos sobre metodologias e maneiras específicas de acessar e alimentar os repertórios individuais e coletivos, tendo por característica marcante a habilidade para "criar as formas" para trabalhos, ações, acontecimentos e, a partir do século XX, relações entre agentes envolvidos nos processos artístico-pedagógicos.

Com isso, a disciplina de artes visuais passou a contar com novos entendimentos acerca da participação e da colaboração em sala de aula, como atitudes essenciais de estímulo à aprendizagem, em especial devido ao fato que ambas carregam em si um pressuposto básico: o de que quem participa e colabora em projetos na sala de aula costuma tomar como base, sustentação e concretização a vontade de estar envolvida.o nesses processos.

Assim, não podemos perder de vista os termos participação e colaboração, junto à experiência, como três palavras de ordem nas artes e na educação que buscam processos de emancipação ao longo do século XX e em muitas práticas que ganharam força e espaço nas salas de aula nas décadas de virada dos anos 2000. Elas espelham uma espécie de *modus operandi* desejável diante da crise que abate de forma generalizada muitas instâncias do contexto histórico e político específico em que vivemos a cultura.

Talvez, a busca por diferentes formas de participação e engajamento em atividades educativas e culturais tenha conquistado tantas/os professoras/es e estudantes por abranger uma espécie de convocatória para que nos tornemos, seja qual o contexto em que vivemos, agentes de mudança e colaboração. Neste sentido, as atividades culturais e vivências artísticas nas escolas podem ser uma espécie de ensaio para aprendermos a cooperar em torno de desejos comuns na experiência de tentar qualificar, por meio da reflexão e da imaginação poética, as ações que podem gerar melhorias nos mais diversos contextos comunitários.

Diante deste conjunto de entendimentos, desejos e expectativas, nós, professoras, professores, educadores, educadoras e outros profissionais da educação e das artes nos deparamos diariamente com as seguintes perguntas: *como é que as artes poderiam contribuir neste processo em que crianças, jovens e adultos pudessem desenvolver habilidades e competências para construir um mundo melhor? Como as artes poderiam instaurar processos de desenvolvimento que paulatinamente gerem sociedades mais justas, que valorizem a diversidade, e busquem reduzir desigualdades ainda que valorizem a inventividade e a inovação?*

Tenho uma intuição de que a leitura dos documentos e orientações da educação formal, como por exemplo a BNCC das artes, podem nos apresentar pistas para enfrentarmos cada uma destas questões, na compreensão de que seus textos são o resultado de lutas vivenciadas por vozes dissonantes – mas principalmente por acreditar que são documentos abertos à interpretação e a mudanças processuais em seus textos.

Gosto de tomar como exemplo a ideia de que podemos ler os acordos e indicações dos documentos oficiais do Ministério da Educação (MEC) buscando a valorização dos processos de aprendizagem e vivências em artes como oportunidades para o desenvolvimento de habilidades – e não mais com a exclusividade da realização de um produto final como meta ou objetivo único de nossas aulas de artes. Esta

grande conquista, que já estava presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais, revela o reconhecimento e a compreensão de que, em se tratando de educação, cultura, ciências ou artes, não existe um ponto final e nem uma linha de chegada. Se conseguirmos nos convencer e conquistar quem caminha conosco de que esta ideia é muito poderosa, podemos construir a partir de nossos desejos e interesses comuns muitas metas, objetivos e planos de aula que podem ser ensaios de planos de vida.

A escola ocupa muitos espaços e tempos nas vidas de milhões de crianças, jovens e adultos brasileiros/os que aprendem e ensinam diariamente. São horas, dias, meses e anos de educação formal obrigatória. Que caminhos podemos criar e percorrer? Que matérias temos para construir estes percursos?

Nossas matérias podem estar escondidas nas seis dimensões da aprendizagem em artes que atravessa a vida escolar de brasileiras, brasileiros e brasileiras. Podemos buscar ler as palavras que nomeiam essas dimensões da aprendizagem em artes na BNCC buscando a poesia que reside em cada uma: **Criação, Crítica, Fruição, Estesia, Expressão, Reflexão.**

Nesta publicação, foi em diálogo com elas que intencionamos praticar escolas como centros culturais e aulas como programações artísticas.

A **criação** e a **expressão** estão presentes não apenas na produção de artistas, exibida aqui nas páginas do ateliê aberto ou de qualquer livro didático, mas em especial no modo como as turmas se apropriarão das propostas de práticas artísticas ou dos exercícios que atravessam estes e outros materiais de ensino das artes. Os processos criativos vivenciados por vocês possibilitam que sejam desenvolvidas habilidades de expressão de sentimentos, ideias, desejos e representações, em processos individuais ou coletivos.

A **crítica** e a **reflexão** não estão apenas nos textos chamados processos em diálogo, escritos pela curadora Tainá Azeredo, ou em páginas de livros de história da arte, catálogos ou revistas, mas também no enfrentamento das

perguntas que abrem os trabalhos com cada artista e também nos processos de criação das práticas artísticas ou nas perguntas que a turma pode fazer diante de trabalhos artísticos. As pesquisas e conversas com colegas permitem o exercício da articulação e da formação de pensamentos próprios sobre aspectos estéticos, políticos, históricos, filosóficos, sociais, econômicos e culturais relacionados às artes e à vida.

A **estesia** e a **fruição** seguem de mãos dadas em todo o percurso, sempre que a percepção e a sensibilidade se apresentem para assistir suas aulas, atravessando os corpos de estudantes e docentes de todas as idades, despertando emoções e acordando sentimentos, em situações que podem ser tanto de prazer e alegria quanto de estranhamento e desconforto, diante das mais diversas formas de manifestações artísticas.

Vivenciar tudo isso demora. Desgasta. Consome recursos. Exige manejo e dedicação além do envolvimento de todos os participantes. E pode fortalecer a comunidade escolar a partir da existência dos vínculos possíveis diante de interesses compartilhados. O processo de aprendizagem em artes precisa ser considerado mais importante que o resultado final de um ou outro exercício. Os critérios de avaliação precisam ser explicitados e acordados entre quem convida a aprender e quem se entrega ao aprendizado – neste sentido, arrisco sugerir que possam ser reinventados sempre que possível.

Em tempos pandêmicos, diante da imensa nuvem de luto que atravessa os céus de nosso país, precisamos buscar por propostas e textos que nos permitam criar conexões e vínculos ainda que à distância ou de forma presencial considerando as medidas de segurança sanitária, em um entendimento de que cada docente pode encontrar a melhor maneira de se apropriar de exercícios, textos e vivências

para praticá-los a partir de seus interesses e necessidades, alinhados com os contextos em que atuam.

Neste sentido, mais do que nunca é urgente trabalharmos na criação de contextos, ambientes, ferramentas e processos que se utilizem das tecnologias sociais de colaboração para estimular a participação de estudantes nas aulas de artes. Mais do que isso, precisamos incentivar a colaboração entre a educação formal e não formal, por meio da realização de parcerias entre instituições educacionais e culturais, além de fortalecer as práticas de professoras.es e educadoras.es que decidem introduzir em suas disciplinas o contato com os repertórios disponibilizados por outras disciplinas. Exemplo disso são as ações pedagógicas como esta realizada pelo ia Ouro Preto. Com diversas variações de contexto, reconhecemos sempre um esforço integrado, por parte de professores de disciplinas diversas, que pesquisam curadorias, artistas e conceitos presentes em livros, catálogos e mostras, além de realizarem um hercúleo exercício de buscar formas de visitar exposições e realizar projetos artístico-pedagógicos no interior de suas escolas como parte do calendário escolar anual, buscando garantir a realização de vivências e experiências com as artes.

Tendo em vista este panorama de entendimentos acerca da arte como "transdisciplina" e o conhecimento dos meandros que constituem este contexto de atuação de docentes em escolas, decidimos neste material, *Matéria – vivências artísticas e pedagógicas*, investir na expansão do reconhecimento do trabalho criativo de criação de aulas, ateliês, laboratórios e leituras de obras em sala de aula, um trabalho exercido desde sempre por professoras.es de forma autônoma e criativa, adaptada a contextos sociais e políticos muito específicos. Optamos por desenvolver uma publicação que tem por pressuposto a ideia de que professoras.es são criadoras.es e propositoras.es de processos de colaboração e participação em

sala de aula, com estudantes de todas as séries de ensino formal. Além disso, entendemos que nosso trabalho pode constituir uma forma bem específica de colaboração nos processos de criação em docência na medida em que conseguimos preparar um recorte de pesquisas, sugestões e abordagens pedagógicas possíveis - uma espécie de matéria-prima para a criação de aulas que podem ser acontecimentos artístico-pedagógicos, na medida de suas necessidades específicas, tanto de ordem prática e logística quanto de ordem poética, social e política.

Nós, que elaboramos esta publicação, reconhecemos e celebramos o fato de que cada docente vive processos criativos desde o momento em que inicia uma pesquisa de conceitos e contextos acerca dos temas que pretende abordar com suas turmas. São inúmeros os percursos entrelaçados que abarcam escolhas de caminhos, materiais, atividades, procedimentos, obras, artistas, formas de participação de crianças e jovens, definição de objetivos, mediação de reflexões e expressões de pontos de vista, estímulo ao desenvolvimento de novas leituras de contextos específicos a partir das obras e de tantos outros aspectos presentes no trabalho em sala de aula.

Por fim, preciso reafirmar minha crença de que as salas de aula e centros culturais carregam um mesmo potencial de experiência de participação e colaboração na construção de sentidos nas artes e na vida na medida em que alternam momentos de exercitar criativamente escolhas durante processos de observação, interpretação, formulação crítica e expressão de posicionamentos políticos. Neles, podemos desenvolver a expressão poética como possibilidade de imaginar contextos e cenários desejáveis por meio da ação dirigida à transformação possível de ideias - e consequentemente da ordem dos acontecimentos no mundo, como acreditam tantas/os artistas e educadoras/es desde há séculos. Ambos ambientes podem despertar em suas comunidades o interesse pela escuta generosa; o respeito às opiniões e posicionamentos divergentes nos processos de embate com a ética, a estética e a política; o reconhecimento da necessidade de participar como agente de resistência diante das dificuldades advindas da desigualdade e das inúmeras instâncias de precariedade em nossos contextos de vida e arte na educação.

todxs nós

bárbara mol é

ouropretana (MG), artista visual e pesquisadora em arte contemporânea pela UFMG. Desenvolve projetos autorais em diálogo com o pensamento da Filosofia, da Sociologia e da Literatura, em especial, conduzidos por mulheres. Trabalha com a criação plástica, reflexiva, crítica e sensível de imagens e palavras, em especial, a escrita de poemas e contos.

belize de melo

neves é artista visual e tecelã experimental. Mestre em Gestão Cultural pelo Instituto Politécnico de Leiria (Portugal), é bacharel em filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto. Desde a conclusão do curso, em 2017, caminha de modo independente nos estudos. Nesse seu caminhar, passou por diferentes experiências: fez cursos de entalho e policromia no barroco mineiro, design gráfico, desenho, cerâmica; foi figurante de série de tv e assistente de artista em decoração para festas na capital da Irlanda. Hoje vende suas peças pelo Instagram e realiza pesquisa com objetos, vestes e aparatos relacionais, meditativos e ritualísticos para experimentação performática do corpo.

douglas aparecido

é nascido e criado no bairro do Padre Faria, em Ouro Preto. É poeta, artista plástico e pensador-ativista afrocentrado. Conhecido como Douguiníssimo, é estudioso da história não contada da Vila Rica de Ouro Preto, com foco nas tecnologias e ciências africanas no processo de mineração do ouro. Seu interesse pelo tema o levou a dialogar com o afrofuturismo, tendo o barroco como linguagem artística mediadora.

efe godoy é

artista visual míope e transgenere, pesquisa hibridismo em suas mais variadas linguagens, com ênfase em recortes de memórias da infância e fabulações espontâneas. Nascida em Sete Lagoas (MG), vive e trabalha em Belo Horizonte. Transitou pela Escola Guignard - Universidade Estadual de Minas Gerais - e segue sua formação em residências artísticas no Brasil e exterior, com experiências transformadoras em Belo Horizonte, São Paulo, Uruguai e México. De maneira simples, tenta interferir na vida das pessoas por meio da reverberação do afeto, utilizando as redes sociais digitais como ferramenta de interação e estreitamento dos espaços de intimidade entre vida e arte.

lucas soares é natural de Miracema (RJ), vive e trabalha em Juiz de Fora (MG), onde se graduou no bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design e no bacharelado em Artes Visuais, ambos pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). No momento, faz mestrado em Artes, Cultura e Linguagens, na UFJF, com pesquisa paralela à própria produção artística desenvolvida na linha de pesquisa Estudos Interartes e Música.

massuelen cristina

é Natural de Sabará, Massuelen é graduada em Psicologia, e tecnóloga em Artes Visuais, pela primeira turma técnica do estado de Minas Gerais, por meio do programa CICALT/ MG. Artista visual, seu trabalho atravessa várias linguagens das artes visuais, em especial a fotografia, o vídeo e a performance, ao utilizar esses dispositivos para explorar as diferentes formas de ver, ser e estar no mundo, a partir da ocupação de diferentes espacialidades.

todxs nós

bel gurgel, nos anos 1990, estudou design moveleiro com Angélica Santi e iniciou suas atividades como designer. Em 1995, abriu a Antagônica Design e Arte em sua cidade natal, Jundiaí, uma loja de design de móveis e galeria de arte que representou diversos artistas e designers nacionais e internacionais. Em seguida, viajou para Minas Gerais e inaugurou a Viela Rica, uma feira de rua que misturava o design italiano ao artesanato mineiro. Em 2002 iniciou um projeto social no distrito de Antônio Pereira em Ouro Preto, e criou a marca Preguiçosa, uma linha de colchas, almofadas, tapetes e pufes feitos por mulheres de baixa renda, a partir da releitura de técnicas tradicionais mineiras. Ministrou cursos de produção cultural pelo FAT e oficinas ligadas à cultura e gestão cultural nos Festivais de Inverno em Minas Gerais. Produziu em Ouro Preto, o 1º Concerto de Sinos, conduzido pelo maestro catalão Llorenç Barber. A convite do professor doutor Oliver Tabares, realizou, na Universidade de Medellín (Colômbia), a palestra "Projeto FAOP | Fundação de Arte de Ouro Preto: arte e patrimônio". De 2007 a 2011 foi assessora de comunicação da Fundação de Arte de Ouro Preto, entidade pública vinculada à Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais. Desenvolveu projetos no estado de Minas Gerais criando e dando suporte a exposições e projetos especiais. Foi também responsável pelo projeto "B*Art - a new path", em Barbados, Caribe. Desde 2016 é presidente do Instituto de Arte Contemporânea de Ouro Preto (ia). Por vocação, dedicou-se à política cultural para entender e buscar um sentido de universalização, acesso e desenvolvimento econômico sustentado como forma do entendimento do eu coletivo e da valorização de cada indivíduo no processo artístico.

tainá azeredo, curadora do programa de residência iai. é curadora, gestora e educadora. Graduada em dança e mestre em curadoria, crítica e história da arte, co-fundou e dirigiu entre 2009 e 2018 o espaço de investigação artística Casa Tomada, em São Paulo, dedicado a práticas, pesquisas e residências artísticas. Em 2015 iniciou, junto ao artista Cláudio Bueno, o programa Intervalo-Escola, uma escola experimental e plataforma prática e reflexiva que mapeia, desenvolve e experimenta diferentes modos de aprendizagem em/ contra/sobre/a partir do campo da arte.

Sua prática artística se estabelece no cruzamento entre disciplinas, entre a pedagogia e a curadoria, a pesquisa e o movimento, entre conversas, comidas e silêncios, sempre compartilhados, articulando processos interdisciplinares e criando condições para encontros e debates. Nos últimos anos foi curadora de exposições em São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires e Berlim, além de ter participado como pesquisadora ou coordenadora de residências artísticas como iai (ia Ouro Preto), El Ranchito (Madri), Curatorial Program for Research (Estônia e Finlândia), Create and Inspire (Londres, Emirados Árabes, Qatar e Arábia Saudita) AIR Laboratory (Varsóvia), Marabunta y La Ira de Dios (Buenos Aires).

Atualmente coordena o departamento de educação e programas públicos do Museu de Arte Contemporânea MARCO La Boca (Buenos Aires).

valquíria prates, coordenadora pedagógica do programa de residência iai, é pesquisadora, educadora e curadora interessada nas relações entre ética, estética e política nos estudos culturais. Atua como colaboradora de museus, bibliotecas, universidades, escolas e instituições culturais, coordenando programas de educação, mediação e formação e realizando curadorias de exposições e publicações.

Graduada em Letras e mestre em políticas públicas de acessibilidade pela Universidade de São Paulo, é doutora pelo Instituto de Artes da Unesp com a tese Como fazer junto: a arte e a educação na mediação cultural.

Fundadora da |quadrado| e da AVE (Agência de Viagens Espaciais) e da quadrado projetos, publicou as coleções Arte à primeira vista (com Renata Sant'Anna, pela Paulinas) e Ligamundo Arte, uma das indicadas do PNLD 2019-2021.

Atualmente é coordenadora pedagógica nacional do Programa CCBB Educativo Arte & Educação realizado pelo JA.CA Centro de Arte e Tecnologia. Também coordena os cursos da Plataforma Educativa do Instituto Usiminas e é pesquisadora e formadora do Núcleo de Pedagogias da Floresta da Casa do Rio.

ia.art.br